

Pedago- gias In- surgen- tes

Relatos&Reminiscências

PEDAGOGIAS INSURGENTES

RELATOS E REMINISCÊNCIAS

ZER-0

PRIMEIRAS PALAVRAS - P04

ENSINO E APRENDIZAGEM / CONTEÚDOS, OBJETIVOS E MÉTODOS / O CARATER RÍGIDO, REPRODUTIVISTA, HIERARQUIZANTE / OS CONTEXTOS DE INSURGÊNCIA / TROCAS AFETIVAS: ESPAÇOS-TEMPOS / OS CONTORNOS DO TRABALHO

I

O CARÁTER PEDAGÓGICO [FUNDAMENTAL] DE TODA REVOLUÇÃO - P13
EMERGÊNCIA DA PEDAGOGIA INSURGENTE / UMA APROXIMAÇÃO COM PAULO FREIRE / PATRIARCADO: PÓS-COLONIALISMO: DEVIR-MULHER / A BUSCA DE SABER DE SI E SUAS CONSEQUÊNCIAS / SOBRE CONHECIMENTO HEGEMÔNICO / SOBRE SEU OPOSTO NÃO-COMPLEMENTAR / AUTODIDATISMO COLETIVO

II

DOS ESPAÇOS HORIZONTAIS DE TROCA AS OCUPAÇÕES URBANAS AUTOGESTIONADAS - P47

HACKLAB[?] / DAS TROCAS HORIZONTAIS / OLHAR PARAMAZÔNIA / A COLONIALIDADE DO PODER / PARE BELO MONTE / TÔ COLETIVO: AULAS PÚBLICAS; CINEVARAL / OCUPAS / COM O OPRIMIDO X DO LUGAR DO OPRIMIDO: UMA DOBRA EM FREIRE / DA PRÁXIS AUTOGESTIONADA / OCUPAS + XINGÚ / 2013: DO MOVIMENTO DE MASSA A DESCOBERTA DA REPRESSÃO EM MASSA / MOVIMENTO BELÉM LIVRE E A ESCRITA COLETIVA / A GARI CLEONICE VIEIRA / O ACAMPAMENTO CLEONICE VIEIRA / NÃO MUDAMOS O MUNDO MAS MUDAMOS A NÓS MESMOS / ARTES DE VIVER

III

PROCESSOS DE BUSCA; CAÇA; COLETA - P72

EXPEDIÇÕES NO ESPAÇO: EXPEDIÇÕES NO TEMPO / LEITURA CONTEXTUALIZAÇÃO E RELEITURA / MAPEAMENTOS: CONSTRUÇÃO DE NARRATIVA COLETIVA / A MATRIZ COLONIAL DE PODER / ATUALIZANDO A ANTROPOFAGIA / HÁ POÉTICA / A BUSCA DO MÉTODO ADEQUADO DE PESQUISA / MDK x UHE'S: DO TRABALHO EM GRUPO E DO TRABALHO DE CAMPO / A MATRIZ COLONIAL DE PODER II / DA IMPOSSIBILIDADE DE UMA PEDAGOGIA INSURGENTE DISTÓPICA / DO ENTRE-LUGAR: FRONTEIRAS E INTERTÍCIOS / SOBRE DES-COLONIZAR-SI / ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA E A (SUA) PEDAGOGIA

INSURGENTE

Primeiras Palavras

Pedagogia: "ciência que investiga a teoria e a prática da educação nos seus vínculos com a prática global"¹

Insurgente: aquele que surge.

Insurgir: ato de não se sujeitar.

Meu tcc começa assim pelo nome. Pela linguagem. Deixando claro suas palavras. Deixando conceitos. Sugerindo contornos. Filosofando. Copiando e colando. Como na atitude marginal daquele que se apropria de uma determinada resposta dada por um outro, por convicção ou negação, não importa, desde que a etapa processual transcorra como deve, devendo ser o indivíduo mesmo o protagonista de si. Na interface com o outro. Deixando e pegando um pouco aqui um pouco acolá.

trocas afetivas : espaços-tempos

Uma relação de ensino e aprendizagem pressupõe uma troca de conhecimentos e/ou habilidades num fluxo interpessoal, intersubjetivo, comumente, acredita-se que um lado ensina e outro aprende. Alguns acreditam que deve haver disciplina, sendo o caráter dessa, normalmente, pouco discutido. É sobretudo marcada

1 - José Carlos Libâneo in Didática, 2000, editora cortez. P 13.

por um objetivo, um conteúdo, e um método², e - para ainda outros - um processo final avaliativo, no qual a frequência é determinante. Essa breve descrição, que serve sem dúvida tanto a educação formal, quanto a muitas experiências no campo da "informalidade", demonstra como a estrutura do sistema educacional pós-ditadura leva a uma prática pedagógica de caráter rígido, normativo, que se pretende quantificável, objetivável, inerentemente hierarquizante, com todos os conteúdos sendo pressupostos por um mecanismo acima e ao mesmo tempo distante, do campo frio de uma instituição muito mais próxima do cidadão universal - eurocentrado - que do ancestral amazônida, mesmo quando dirigida aos ribeirinhos. Os planos nacionais de educação não são diferentes dos planos de construção de barragens na Amazônia, ambos são projetos-projetados em gabinetes políticos, em escritórios multinacionais, e impostos como diretriz ao Brasil múltiplo. Louis Althusser já em 1970 evidenciava o caráter reprodutivista da escola³, fundamental a manutenção dos meios de produção capitalistas. Em contraponto, existem ao redor do planeta diversas experiências educacionais sendo testadas no centro de processos [mikro-]revolucionários - a

2 - "o processo dialético foi caracterizado como mediação escolar de objetivos-conteúdos -métodos apoiada no processo de ensino e aprendizagem..." (LIBÂNEO, 2000. p 136)

3 - "Uma formação social que não reproduz as condições de produção ao mesmo tempo que produz, não sobreviverá nem por um ano. Portanto a condição última da produção é a reprodução das condições de produção [...] a escola (mas também outras instituições do estado, como a igreja e outros aparelhos como o exército) ensina o know-how mas sob formas que asseguram a submissão à ideologia dominante ou o domínio de sua prática [...] Dessa forma [...] moldam por métodos próprios de sanções, exclusões, seleção etc... não apenas seus funcionários mas também suas ovelhas" (ALTHUSSER, 1985, p 53/58/70)

Escolas do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, a Escuelita Zapatista em Chiapas, o Ibaurebau Munduruku, a cooperativa Margarida Alvez em Pernambuco, para citar quatro das poucas que esse autor conhece - todas emergindo em *contextos de insurgência*, contextos nos quais o *indivíduo em bando confronta o capital\$ e seus aparelhos - também ideológicos - de estado*, nos quais os *indivíduos em bando decidem não mais se sujeitar aos regimes disciplinares*⁴, ao regime de controle, ao aparelho repressor, criando suas *zonas autônomas*, suas leis, suas próprias instituições temporárias. Como nas *rotas piratas* de Hakim Bey⁵. Contrabandeando conteúdos, técnicas, práticas. Na busca da *escola necessária*⁶, a pesca coletiva na

4 - Temos "nas sociedades modernas, a partir do século XIX até hoje, por um lado, uma legislação, um discurso e uma organização do direito público articulados em torno do princípio do corpo social e da delegação de poder; e por outro, um sistema minucioso de coerções disciplinares que garanta efetivamente a coesão deste mesmo corpo social" (FOUCAULT, 1979, p.179)

5 - "OS PIRATAS E CORSÁRIOS do século XVIII montaram uma "rede de informações" que se estendia sobre o globo [...] formada por ilhas, esconderijos remotos onde os navios podiam ser abastecidos [...] hospedavam "comunidades intencionais", mini-sociedades que conscientemente viviam fora da lei e estavam determinadas a continuar assim, ainda que por uma temporada curta, mas alegre [...] um certo tipo de "enclave livre" (BEY, 2002, p. 11-12). Das rotas piratas e suas redes de informações e vivências fora da lei Hakim Bey vai se debruçar sobre e construir o conceito de Zona Autônoma Temporária.

6 - "podemos dizer que a educação é um dos processos de formação da pessoa humana [...] através do qual se inserem numa determinada sociedade. Por isso ela está sempre ligada com um projeto político e uma concepção de mundo" nesse sentido, para o MST, "a educação é entendida tanto no sentido amplo da formação humana, como no sentido mais restrito de formação de quadros para a nossa organização e para o conjunto das lutas da classe trabalhadora", uma outra pedagogia precisa vir a tona, começa assim a busca (a qual compartilhamos, ainda que abandonando a nomenclatura escola trazendo no lugar prática pedagógica) do MST pela escola necessária. Para saber mais, Cadernos de Educação nº8: Princípios da Educação do MST.

horizontalidade das vivências, nos acúmulos de cada um, na *práxis da autogestão*. Sem essa de alguém para ensinar outro alguém, mas num movimento de *troca afetiva*, num movimento de *desejo*. Estruturas educacionais, surgem e desaparecem muitas vezes sem que se possa capturá-las. Nas *zonas insurgentes*⁷ *práticas pedagógicas de outra ordem são experimentadas* muitas vezes por uma só vez para nunca mais se repetir. Em Julho do ano passado as praças tornaram-se ágoras. E já não existiam alunos e professores. Só gente. Trocando.

Entendo este trabalho de conclusão de curso, como documento que fica para narrar este processo todo de ensino e aprendizagem pelo qual passei, desde que em 2009 ingressei no curso de artes visuais, dos nós, dos ruídos, e das interferências, das vivências que dentro e principalmente fora da academia vieram constituir a tessitura que segue, passando pelo que aprendi, pelo aprender o que é educação[?] o que é ensinar[?] o que deve ser educação[?] o que deve ser ensinar[?] Aí você *experimenta*. Se percebe experimentando. Planeja experimentos. Os executa. Pensa sobre eles. Se ve dentro de outros. O jogo muda de

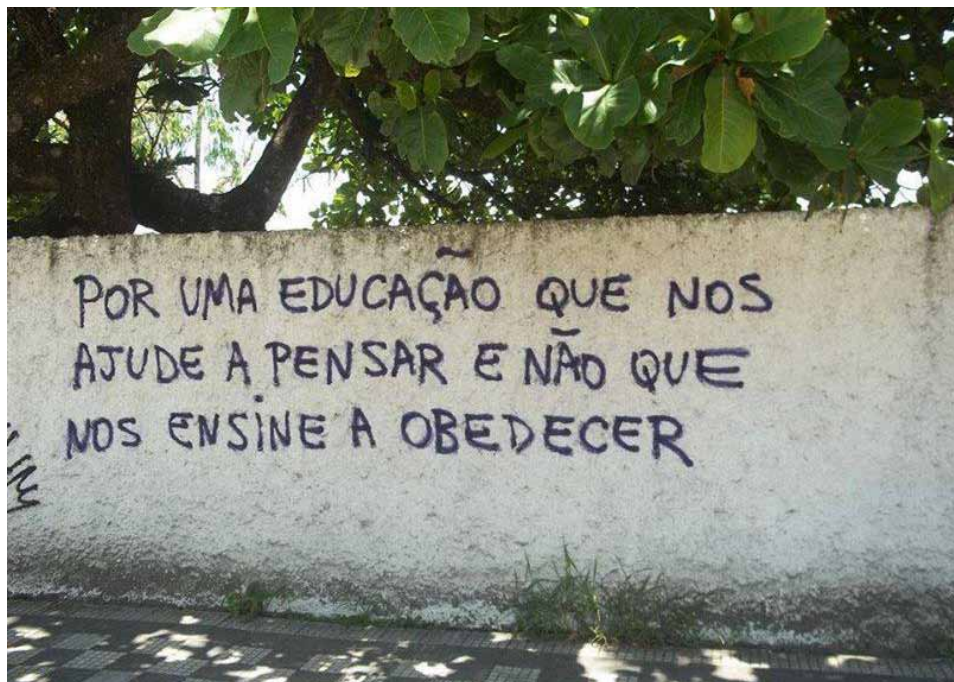
7 - Zona como apropriação do conceito de Zona Autônoma Temporária, que possui caráter insurgente por ser ela essa "espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se re-fazer em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la [...] "ocupar" clandestinamente essas áreas e realizar seus propósitos festivos [e pedagógicos] [...] a TAZ é uma tática perfeita para uma época em que o Estado é onipresente e todo-poderoso mas, ao mesmo tempo, repleto de rachaduras e fendas. E, uma vez que a TAZ é um microcosmo daquele "sonho anarquista" de uma cultura de liberdade, não consigo pensar em tática melhor para prosseguir em direção a esse objetivo e, ao mesmo tempo, viver alguns de seus benefícios aqui e agora" (BEY, 2002, p. 16)

plano. *O tempo. tu com o outro constrói.*

A prática pedagógica funda sempre uma experiência, um processo de experimentação.

Como relato reminiscente que é, ou que pretende ser, esse texto irá atravessar alguns desses momentos, e ainda outros, fazendo recortes, transcrevendo conversas, copiando, colando, narrando, descrevendo, às vezes sendo apenas prolixo, mas tentando sobretudo fazer um apanhado de acontecimentos que no final possa servir de mapa para a busca por uma pedagogia libertária, efêmera, do agora, na amazônia, do acontecimento, na qual o único pressuposto é o outro, o tempo-espaco, e a intencionalidade.

15.09 - 01:10



I

O caráter pedagógico [fundamental] de toda revolução.

Se a revolução tem um caráter fundamentalmente pedagógico, do processo revolucionário emerge portanto uma pedagogia⁸, que na medida do seu surgimento vai construindo-desconstruindo o processo revolucionário em curso, do qual é mãe, filha e irmã. Se elimino o pai, é fruto das trocas afetivas com as perspectivas feministas ao longo desses vários processos citados

8 - "Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará" (FREIRE, 1970, p. 43)

nessa tessitura. Por entender que qualquer ataque a *matriz - colonial - de poder ocidental* deve atingir o *patriarcado*, seu dispositivo opressor primeiro. Porém, escolho Paulo Freire. Se priorizo Paulo Freire a Bakunin-Kropotkin, o faço, porque penso o processo libertário interligado a crítica pós-colonialista, do individual ao coletivo, do subjetivo ao objetivo. E vice-versa. *A essas práticas pedagógicas gestadas no cerne do processo revolucionário chamo de pedagogias insurgentes*. Insurgentes porque não se sujeitam as estruturas normativas, didáticas, epistemológicas. Insurgentes porque emergentes no *desejo coletivo de não-sujeição* em busca de um futuro em liberdade, ao qual não chegaremos “pelo acaso, mas pela práxis da sua busca: pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de luta por ela” (FREIRE, 1970, p.43). Insurgentes porque *experienciadas* por individualidades-coletividades que em determinados espaços-tempos decidem por não se curvar a *programação dada-imposta*, seja pelo sistema educacional, pelo desejo de consumo, por governos militares, governos paternalistas, neoliberais, pelo pai, pelo patriarcado. Um espaço tempo de não-sujeição, da construção de algo novo, em *permanente estado de emergência*, de construção e reflexão. Se faço uma aproximação, tão nítida pois tão apropriada, com a *pedagogia do oprimido*, o faço por uma necessidade academicista, e até certo ponto, uma programação academicista já incutida numa prática de escritura adquirida, ou *apropriada*, entretanto, e sobretudo, o texto que segue tem suas bases nas *experiências* relacionadas, no

relato de vivência, nas reminiscências, em busca do limite da pergunta "o que pode uma pesquisa em arte?" e de sua reconfiguração, "o que pode uma *pesquisa* em ensino de arte?", e do desdobramento inevitável, o "que é arte?". Arte vida[?]. Estéticas de existência. Rexistência. [Re]construção de si. Se a arte se fundiu com a vida, ou se re-ligou, já que assim teria surgido, seu *ensino deve se inscrever no campo das artes do viver*⁹. Por um estar estético no mundo. Por fim. Se a maioria dos autores que trago no texto são homens, é por pura falta de arcação teórico feminino, culpa que provavelmente é mais minha do que do sistema acadêmico machista eurocentrado, porém, devo dizer sem hipocrisias ou ironias, que trago comigo a crença no devir-animal, e no devir-mulher¹⁰, como campo de permanente construção, por isso mesmo como espaço de *fuga dos contornos fechados do homem-macho*, e que acredito sobretudo no devir-mundo, e d@ human@ como parte de um movimento maior em *descontrole*, ao mesmo tempo que *a-centrado*, interligado nas suas diversas partes e momentos. Porque, eu não vou querer

9 - "Estas devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmas regras de conduta, como também buscam transformar-se, modificar-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo. Essas "artes da existência", essas "técnicas de si" perderam certamente parte de sua importância e de sua autonomia ao serem integradas, com o cristianismo, no exercício de um poder pastoral e, mais tarde, às práticas de tipo educativo, médico ou psicológico." (Foucault, 1983. p198-199)

10 - Ora, "Não há mulher em si! Não há pólo materno nem eterno feminino... A oposição homem/mulher seve para fundar a ordem social, antes das oposições de classe [...] Um homem que se desliga das disputas fálicas, inerentes a todas as formações de poder, se engajará, segundo diversas modalidades possíveis, num tal devir-mulher" (GUATTARI, 1977, p.35-36)

"fazer sozinho, um trabalho que é de todos nós e de mais alguém que é o tempo, o verdadeiro alquimista, aquele que realmente transforma todas as coisas"¹¹. No tempo da história a vida é muito pouca, no tempo do mundo o homo-sapiens é muito recente. *O processo revolucionário é pois permanente*, e se por um lado não se capta sua essência e sua frequência, se percebem seus *pontos insurgentes, suas inscrições, suas microrevoluções*¹².

Ora, todas as propostas metodológicas pretendem abarcar uma parte dita do *conhecimento universal*, que por vezes recebe o nome de *erudito*, Ana Mae Barbosa que possui uma excelente leitura para uma educação

11 - Gilberto Gil, fala em show na Politécnica-USP, 1973, sob a base da música Iansã, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=Q03QjHyDyMw>, acesso, quase todas as semanas do ultimo semestre.

12 - Guattari em Revolução Molecular irá dizer, "Estou convencido de que todas as variações possíveis de um outro Maio de 1968 já foram programadas em IBM [...] As organizações políticas e sindicais aos poucos foram se tornando assimiláveis aos equipamentos de poder [...] funcionam de acordo com o conformismo geral: trabalham para que os processos moleculares entrem em conformidade com as estratificações molares [...] Portanto não há muito que esperar desse lado [...] Enquanto continuarmos prisioneiros de uma concepção das relações sociais herdadas do século XIX [...] continuaremos a dar voltas nos nossos guetos" contrapondo-se a essa concepção de revolução (macro-molar) facilmente capturável, pautada na luta de classe e no movimento de massa, Guattari trará o conceito de revolução molecular (micro), espécie "de guerra bacteriológica, que não se afirma mais em frentes claramente delimitadas [...] não param de ocorrer mutações na subjetividade consciente e inconsciente dos indivíduos e dos grupos sociais cujos efeitos são imprevisíveis [...] essa revolução molecular [processo microrevolucionário] não se refere apenas as relações cotidianas entre homens, mulheres, homossexuais, crianças, adultos etc [...] Ela intervem também no interior da produção econômica enquanto tal [...] Ninguém é capaz de definir, hoje, o que serão as futuras formas de organização e coordenarão dos futuros movimentos revolucionários, mas, o que parece evidente é que implicarão, a título de premissa absoluta no respeito a autonomia e a singularidade de cada uma de suas componentes" ... Trazemos essa análise para afirmar o caráter microrevolucionário dos processos insurgentes (e suas práticas pedagógicas) relatados ao longo do texto

em arte pós-colonialista, mesmo ela, admite a importância dos *códigos oficiais* quando diz,

“Todas as classes têm o direito de acesso aos códigos da cultura erudita porque esses são os códigos dominantes - os códigos de poder. É necessário conhecê-los, ser versado nele” (BARBOSA, 1998, p. 15)

Sim, a *cultura dominante impõe os códigos do poder*, e claro, Ana Mae sabe que esse é um direito ainda virtual no Brasil, mas o que é interessante perceber é que no próprio questionamento do processo de dominação a autora acaba por defender um espaço que julga necessário, no sistema educacional oficial, para os códigos da dominação. Ela não escapa. Talvez ninguém, uma vez imerso na matrix. O que não cessa são as *tentativas de fuga*. Que são por si só afirmação, fundação, de um lugar outro. Nesse sentido, O [re-]conhecer a si como amazônida requer a necessidade de atentar sempre a lembrança de que a *civilização ocidental é simultânea a colonização que é simultânea ao capitalismo que é simultâneo a modernidade e ao processo de eurocentrização*, sempre lembrar que a “universalidade é a pretensão européia de universalidade”¹³. A globalização é,

“em primeiro lugar, a culminação de um pro-
13 - Walter Miglolo em fala no Evento Acadêmico para Sentir-Pensar-Hacer, realizado em noviembre de 2010 en la Facultad de Artes ASAB, de la Universidad Distrital Francisco José de Caldas. Bogotá. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mqtqtRj5vDA>, acesso em 28 de novembro de 2014.

cesso que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno eurocentrado como um novo padrão de poder mundial”(QUIJANO, 2005, p.107)

A busca por saber de si refuta por si só a possibilidade de um conhecimento universal. Ao questionar as bases impostas pelo processo de colonização-modernização-desenvolvimento é inevitável a contestação do conhecimento hegemônico, da verdade científica, da tradição filosófica ocidental, outras bases precisam ser formuladas, precisam vir à tona, cosmogonias silenciadas, códigos ancestrais, gambiarras, xamanismos, pajelanças. Mergulha-se num processo de desconstrução da história linear evolucionista que dá a ver a colonialidade do poder na construção da narrativa histórica oficial. Todas as bases epistemológicas são trocadas. Nem capitalismo nem comunismo. Amazonizmos. Epistemologias do sul quente e úmido. Antropofagia neo-cabana. Reclaim the streets. Um processo de insurgência as estruturas de vigilância e controle¹⁴, contra a ordem estabelecida de produção e reprodução, questiona de uma só vez todas as bases da civilização ocidental, toda sua matriz colonial de poder é posta em cheque, porém tal leitura não seria possível sem as vivências relatadas neste trabalho, e justamente por isso, não se afirmam sem elas,

14 - Este poder disciplinar está “preocupado em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância é o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo” (HALL, 1992, p.42). É precisamente este regime-poder disciplinar - do qual o sistema educacional é parte fundamental - que modela uma tal subjetividade normatizada que é confrontado nos processos insurgentes.

não haveriam todos esses dispositivos discursivos-ideológicos aqui expressos se minhas vivências não passassem por onde passaram, não se misturassem com quem se misturaram, vissem e ouvissem o que viram e ouviram. A prova do conhecimento compartilhado[x adquirido] - se é que uma prova se faz necessária - são as próprias relações lógicas, reflexões e relações teóricas, leitura de mundo que se presentificam nessas linhas. De uma certa forma, meu instrumento avaliativo acadêmico acabou por ser uma espécie de processo avaliativo pessoal-livre, não quantificável em números, apenas esteticamente-pedagogicamente experienciado no processo de leitura-escritura memorial dos últimos três anos de aprendizagem de criação e ação, de *autodidatismo coletivo*¹⁵.

15 - Paulo Freire, para quem a educação é prática da liberdade, irá afirmar que "a libertação dos oprimidos é libertação dos homens [e mulheres] e não de coisas. Por isto, se não é autolibertação - ninguém se liberta sozinho - também não é libertação de uns feita por outros" (1970, p.74)



II

Dos espaços horizontais de troca às ocupações urbanas autogestionadas

Hacklab[?]

Há na cronologia do que escrevo algo em comum com o ensino formal, sobretudo o acadêmico, que submete o discente a quatro estágios supervisionados, não remunerados, ao longo dos quatro anos de curso - neste caso - de licenciatura em artes visuais, que acabam, pela irracionalidade da demanda imposta, sendo normalmente estendido por um ou dois anos mais - no meu caso dois. Mas meu ponto aqui não é criticar a estrutura pedagógica do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Pará, é, nesse momento, como

disse, ressaltar o que a de comum com a trajetória do que venho colocar como *práticas pedagógicas insurgentes*. Em 2012, fiz meu primeiro estágio de observação no ensino acadêmico formal, como a maioria dos alunos, na Escola de Aplicação da UFPA, com professora Vera. Um longo semestre de convivência com os alunos da 5ª série com certeza levam qualquer um a imergir num processo rico de *reflexão* e consequentemente *aprendizagem*, mesmo com todas as críticas que se possa fazer, e que se fazem, sendo elas mesmas também componentes do aprendizado, e formadoras desse futuro docente. Pois bem. No mesmo ano fiz meu primeiro estágio de observação em *trocas insurgentes*. O que na época não era tão claro hoje é evidente. O hacklab¹⁶, evento no qual participei a trabalho como membro na época do Qualquer Quoletivo¹⁷, trouxe muitas das características que viriam a se repetir nos processos aqui elencados: *trocas horizontais de caráter crítico, agrupamentos por afinidades, construção livre das pautas de acordo com as demandas e desejos coletivos, ausência de um objetivo final predeterminado, tentativa, erro-acerto.*

16 - "A iniciativa oportunizou encontros, entre agosto e setembro de 2011, a fim de juntar visões e perspectivas de pesquisadores, artistas, ativistas e organizações entre duas cidades/duas realidades = Belém/Santarém, sob o mesmo território geopolítico amazônico." trecho retirado da apresentação do evento por ele mesmo, disponível em <http://hacklab.comumlab.org/photos/>, acesso 01.11.2014

17 - Teoricamente o QUALQUER QUOLETIVO é o que Felix Guatarri chama de "agenciamentos coletivos de enunciação" ou um quoletivo em eterno estado de nascimento, cada agenciamento sugere um nova formação desse quoletivo; quoletivo ; quoletivo com "qu" para enfatizar a eterna duvida do que nos compõe e do que queremos dizer" trecho retirado da descrição do coletivo na sua fanpage, disponível em https://www.facebook.com/qualquerquoletivo/info?tab=page_info, acesso em 01.11.2014

Outras só viriam tempos depois: *ações de caráter espontâneo, autônomas, desinstitucionalizadas, processos coletivos de pesquisa - busca, caça, coleta - ocupações de espaço público para fins pedagógicos de troca de conhecimentos e/ou habilidades*. Mas é certo que o hacklab, tanto para as práticas que se seguiram quanto e sobretudo para o pensamento que se encontra estruturado nesse texto, serviu de embrião. Vou deixar Gisele Vasconcelos, coordenadora do projeto apresentá-lo, a começar pelas angustias e seus desdobramentos:

"tinha um estranhamento com o nome N-E-T-W-O-R-K-E-D-H-A-C-K-L-A-B, que não estava fácil de digerir [...] De que forma trazer à tona os conceitos por trás dessas terminologias através de uma linguagem cognitiva, mais próxima de suas percepções e experiências reais? Como escapar de modelos que reforçam o lugar que arte ocupa nas estratégias do capitalismo financeiro? [...] Ora, a Amazônia é uma periferia com escasso acesso aos meios digitais e que sofre muito com o impacto da privação tecnológica justamente por se tratar de uma região vista como a grande fronteira do capital natural onde se concentram megaprojetos que se apropriam e mercantilizam o ecossistema amazônico, muito destes atendendo a uma demanda mundial de suprimentos naturais para a produção de bens eletrônicos. É nesse ter-

ritório de oprimidos, numa cultura em que a maior parte dos brasileiros também desconhece, que parecia ser o melhor e mais excitante ambiente para jogar contra o aparelho [...] a impulsão foi provocar uma experiência promovendo um encontro entre narradores que pudessem se conectar à uma rede presencial, que proporcionassem compartilhamento e troca de experiências”¹⁸

Dessa forma Gisele chegou à fórmula estrutural que geriu o encontro, baseado na troca de ideias, objetivando o fortalecimento de redes e o pensamento crítico-reflexivo a cerca da apropriação tecnológica, seus usos e táticos no contexto colonial contemporâneo no qual a amazônia é peça chave. Gisele e o hacklab, seus muitos indivíduos e grupos, deixaram muita coisa, o conceito e a prática da troca ensinando e ensinando a substituir na prática o conceito de ensino a partir da dialética educador-educando, foi também um momento de abertura a uma perspectiva da colonialidade do poder, um primeiro movimento de reconhecimento de si no mundo ao redor, do entendimento desse mundo ao redor em conexão com o infinito do capitalismo financeiro, da mercadologização de commodittes, das resistências culturais, da arte política, da *pachamamma*¹⁹, pensar que quando Eduardo Galeano fala da trágica história da colonização es-

18 - Gisele Vasconcelos em texto de apresentação via e-mail.

19 - Pacha Mama ou Pachamama (do quíchua Pacha, “universo”, “mundo”, “tempo”, “lugar”, e Mama, “mãe”,¹ “Mãe Terra”) é a deidade máxima dos Andes peruanos, bolivianos, do noroeste argentino e do extremo norte do Chile. Vários autores consideram Pachamama como uma divindade relacionada com a terra, a fertilidade, a mãe, o eminino

panhola em Potosí, poderia ser Lúcio Flávio Pinto falando sobre Carajás, e é, só que o presente cria seus véus, *seus regimes de verdade que justificam o saque das riquezas do estado por empresas privadas multinacionais*, quando os véus do passado já caíram, e a colonização que se deu anteriormente aos estados nações americanos já é hoje condenada, entretanto, o manto da legalidade torpe, direitista, em defesa da propriedade privada que serviu a colonização espanhola, é o mesmo que serviu a privataria tucana, só que travestido de maior elegância, sem o choque direto do explorador estrangeiro, com a pomposidade sóbria dos paletós sugerida a todo momento na televisão, no cinema, na publicidade, em contraponto a pomposidade mercantilista cafona, kitsch do europeu colonizador, o estrangeiro de hoje vem do sudeste e fala nossa mesma língua pois que fomos juntos colonizados, porém, é inconfundível, e inegável, a construção de uma identidade massificada branca su-lista em todos os grandes meios de comunicação em paralelo a um silenciamento geral, fruto inclusive da falta de infraestrutura, nas demais regiões do Brasil, dos demais povos que viriam a compor essa país da dita mistura, terra da miscigenação, sei que 80% dos sobrenomes que aparecem nos créditos de cada filme, novela, ou telejornais nacionais são sobrenomes europeus, sei que um neto de italiano não esquece a origem do avô, diferentemente do filho de indígena, que uma vez nascido na cidade deixa de ser índio... aqui entramos numa problemática maior, na qual talvez não seja este o momento de se debruçar,

em síntese trata-se do próprio *processo de inferiorização necessário ao domínio de um povo por outro, este processo de inferiorização é fundamental a colonialidade*, porque só se domina aquele que é inferior, dominar o igual seria equivocado, esse é o discurso oficial, que também diz que o igual, o próximo, se deve amar como a si próprio. A verdade é que “Na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista” (QUIJANO, 2005, p.108). Mas antes que me perca, voltemos. O hacklab, além de semear inquietação como toda a prática libertária deveria se fazer - e tal afirmação é completamente subjetiva, vai estar sempre ligada ao efeito da experiência na minha subjetividade - apresentou um modo, *uma metodologia, um procedimento possível para uma prática insurgente pautado na troca de experiências, na convivência*. O maior legado do hacklab cabe melhor na síntese de Giseli

“As informações compartilhadas evidenciar-
am alguns caminhos para que mais projetos
se desenvolvam a partir de uma visão mais
aproximada aos pontos críticos da Amazônia”²⁰

PARE BELO MONTE > Tô > Aulas Públicas

Em OUT de 2011 o canteiro de obras de Belo Monte é ocupado pela primeira vez, e o grito PARE BELO MONTE volta a ser gritado, ou eu começo a gritar(?). Aqui devo acrescentar coisas, é preciso descrever a ex-

20 - idem

periência: Um ônibus com lotação completa parte em outubro de Belém em direção a Altamira, para o Seminário Internacional Contra Belo Monte, que resultou em um dia de ocupação do canteiro de obras da usina, minha primeira experiência de ocupação, minha primeira troca com outros povos, povos mais próximos ao descolonizado, mas é claro também que já com os seus vícios, >> essas palavras de meio de caminho se mostraram mais importantes ao longo do texto << meu primeiro contato com a burocratização-hierarquização da política partidária, seus códigos, tudo pouco espontâneo. Aqui é uma oposição.

Ao pensar as práticas insurgentes, não devemos imaginar estas como sinônimos ou paralelos aos processos da esquerda partidária, não são nem opostos, operam em outras bases, bases horizontais, no qual uma estrutura arborescente hierarquizante não consegue se desenvolver, tampouco a raiz cresce, é o platô²¹ e seus rizomas²².

A primeira vez também cruzando a transamazônica! Na marcha para o oeste, entrando na floresta pela veia aberta. Talvez seja a tal experiência de campo, a caça, a fome. Crítica e clínica. Reconhecimento de i na matriz colonial de poder. Na contradição. Justamente por atravessado ser. Branco e latino. Cidadino e amazônida. Diferente do outro mas nem por isso es-

21 - O Plano de "Consistência reúne concretamente os heterogêneos, os disparates enquanto tais: garante a consolidação dos conjuntos vagos, isto é, das multiplicidades do tipo rizoma" (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p.222)

22 - "São multiplicidades de massas ou de maltas, não de classes; multiplicidades anômalas e nômades e não mais normais e legais; multiplicidades de devir, ou de transformações, e já não de elementos numeráveis e relações

trangeiro a situação. Náusea. Sede. Sol. terra vermelha.

Gado.
Gente (?)
Trator.
Caminhão.
Rastros na terra.
Vermelho em todos os cantos.
Azul.
Verde.
Gado.

Gente (?)²³

Nessa experiência o LABCART²⁴ tenta uma primeira cartografia ao mesmo tempo que se funda. Essa experiência foi fundamental para formar a *consciência de si - de mim - que ativa a possibilidade da insurgência*²⁵, de práticas libertadoras que seguiram, que entenderam a *troca* como parte fundamental do processo, entendendo portanto o *caráter pedagógico fundamental de todo processo revolucionário*.

Em FEV de 2012 o To Colêtivo realiza sua primeira aula pública a primeira também que participo de forma direta ou indireta, nessa, mesmo tendo meu nome na foto, não me fiz presente. Muitas outras vieram depois pra colocar em cheque a necessidade de tomada do espaço público para prática pedagógica aberta ao outro, *intervenção afirmativa do direito a cidade*²⁶,

23 - Elizabeth Viana, poesia parte da cartografia Terra do Meio Zona de Guerra, primeiro trabalho do Laboratório de Cartografia, disponível em <http://laboratoriodecartogr.wix.com/warzoneterra-domeio>

24 - O Laboratório de Cartografia (LABCART) é um "coletivo mutante multimídia... ontem fomos um, amanhã poderemos ser outros, pois LABORATÓRIOS de CARTografia acontecem, e seus atores não mudam seu caráter" > labcart.hotglue.me

25 - Desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema [...] Ao se instalarem na quase, senão trágica, descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas" (FREIRE, 1970, p.39)

26 - "O direito à cidade "não pode ser concebido como um simples direito de visita a ou um retorno às cidades tradicionais [...]"

ao conhecimento, a livre reunião, a livre expressão, prática disparadora de contra-informação, válvula aberta que corta o campo fechado das instituições de ensino e seus conteúdos programáticos pre-determinados por uma lógica produtivista vestibuleica que não dispõe de seu espaço e tempo para estimular uma nova tomada de consciência acerca do contexto amazônico, da jogo da farsa eleitoral, da cidade em distopia. Arrisco dizer que *uma pedagogia verdadeiramente libertária só é possível fora dos limites das instituições de ensino sistêmicas*. Um furo! Um ruído no sistema informacional, ora mais tênue, oras mais agudo, PARE BELO MONTE! Há um capítulo no livro de princípios da escola do MST que diz em busca da escola necessária! Nas brechas do ensino formal se abrem possibilidades de contra-discursos, gratuitos, livres. A *contra-comunicação*, sua *disseminação*, e sua *aprendizagem* - onde esta também a *arte de guerrilha*²⁷, onde está também o stencil, o pixo, o lambe, a performance - passaria a ser nosso passa tempo e trabalho, em busca de uma conscientização de contexto do outro com ele mesmo aqui no mundo, de nós

conosco e com o entorno, e entre outros-nós, ativam- A liberdade da cidade é, por tanto, muito mais que um direito de acesso àquilo que já existe: é o direito de mudar a cidade mais de acordo com o desejo de nossos corações" (HARVEY, 2010, p.11) texto publicado na 3ª ed da Revista Urbania, disponível em <http://urbania4.org/wp-content/uploads/2010/10/revista-urbania-3.pdf>, acesso em 01.11.2014

27 - "Em relação à guerra clássica, linear, a guerrilha é uma estrutura móvel, operando dentro de uma estrutura rígida, hierarquizada [...] Nas guerrilhas, a estrutura parece confundir-se com os próprios eventos que propicia - e a estratégia com a tática [...] A guerrilha já é projeto e prospecto, já é design e designio uma nova sociedade [...] Nada mais parecido com a guerrilha do que o processo da vanguarda artística consciente de si mesma [...] desenvolvimento marginal da arte em relação ao sistema artístico estabelecido e em oposição" (PIGNATARI, 1971, p.68-69)

do as conexões, articulando atividades, ativismos. O caráter crítico das aulas públicas são sua maior marca, o desvelamento de si e do outro num contexto e opressão, como quer a *pedagogia do oprimido*²⁸, que encontra ali seu refugio, é ali realizado, trazido a tona, seja diante de um contexto de exploração colonialista, seja num estado de vigilância, controle e repressão. O indivíduo na troca com o outro, se descobrindo vulnerável diante da máquina que parecia antes o abrigo, ainda que mal, a cada nova informação um dado novo. A cada ano que passa, menos um milhão e setecentas mil e noventa toneladas de ouro em Carajás, mais um ano e a UHE Teles Pires estará construída. A cachoeira de sete quedas, lugar sagrado para os povos Munduruku e Apiacá já não existe mais. A cada nova informação, uma consciência mais aberta diante do contexto opressor neocolonialista sobre a Amazônia e seus povos. Lembro que as aulas públicas se iniciaram antes de julho do ano passado (2013). Antes, ainda em 2012, o Amazônia em Chamas e o To Coletivo haviam feito duas ou três. E o cinevaral já tinha sido realizado algumas vezes. O Tô Coletivo veio primeiro, (estava em busca de um começo. Agora encontrei) como que uma espécie de destaque, descolamento de um agrupamento maior, porém de contornos rarefeitos, que emerge no seio das lutas PARE BELO MONTE, no próprio trânsito da primeira ocupação do canteiro de obras, para um agrupamento menor, de contornos precisos, ativos e agitadores.

O primeiro mais específico, tanto em contexto quanto
28 - "A educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade" (FREIRE, 1970, p 40)

em *tática*. O segundo mais aberto, expandido e expandindo na própria *busca de uma metodologia* do que fazer na Amazônia urbana por uma *descolonização* das mentes e do território.

Formado por um grupo heterogêneo de artistas, cientistas sociais, cineclubistas, zineir@s, estudantes de letras, de filosofia, talvez, por essa formação mesma tenham escolhido o atravessamento entre a *arte política* e as *práticas pedagógicas de libertação*, materializadas nas sessões do *cine-varal - intervenção artística que projetava conteúdo audiovisual engajado no corpo da cidade* - e na realização de aulas públicas - livres, de caráter crítico, atravessando temas correspondentes a *exploração e ocupação do território, dos regimes disciplinares, sobre saúde, educação, questões de mobilidade urbana, criminalização dos movimentos sociais*. Para o cine-varal reuniões internas do Tô Coletivo definiam os nortes da ação - local de exibição, o(s) vídeo(s) a ser(em) exibidos, equipamentos necessários, logística - que ao chegar no espaço da rua contava com a *criatividade*, a *improvisação*, e o *jogo* com o outro no quando este era pego pelo vídeo criando dessa forma a conexão que o levava a interação, e que levava portanto os indivíduos a interagir entre si, o audiovisual era *dispositivo*, as trocas seus projéties. já as aulas públicas exigiam metodologias mais apuradas, que iam desde o convite ao "especialista", a organização mesma do momento do diálogo, passando pela divulgação da atividade, escolha e êxito na busca do lu-

gar de realização da aula. Tempos mais tarde emerge a tática dos ocupas, e a tomada do espaço pública para fins pedagógicos é sistematizada, ainda que sempre temporária. Em maio de 2012, o ocupa vem a tona na capital paraense belém. Com um certo número de pessoas inquietas em diálogo e ação na cidade, um grupo resolveu atender com um chamado ao público ao chamado a uma primavera global,

“Se buscarmos uma data fundadora para o Ocupa Belém, seria o dia 14 de abril de 2012, quando foi realizada a primeira assembleia de construção do 12M, na Praça da República em Belém [...] Os convites para assembleias, desde a primeira, foram feitos através das redes sociais e convocavam a participar quaisquer pessoas interessadas. Não havia critério político [...] com as reuniões sendo abertas a todos, inclusive para as forças policiais e seus congêneres estatais [...] Em meio às reais possibilidades e impossibilidades, certo número de pessoas interessou-se pela ideia e assim, sem pedir a ninguém, iniciava-se o Ocupa Belém”²⁹

Participei de algumas reuniões de *pré-ocupação*, mas no momento mesmo da ocupação da praça da Bandeira não estava na cidade, estava em são paulo, metrópole do país, nova iorque brasileira, vivendo o Ocupa que lá estava na sua segunda edição, trazíamos conosco as informações da primeira edição, do volume imenso de

29 - BUSQUETI, Rafael. O Ocupa Blém: Por uma nova política. Belém, 2014.

pessoas que circularam ao longo dos mais de trinta dias de ocupação no centro velho de são paulo em 2011 no 150. Dessa vez era diferente, fugiram do centro, se refugiaram num espaço de maior calma, focando mais na possibilidade do espaço de formação continuo que no espaço de confronto, no levante, por la vivenciei a montagem da ocupação, vi pessoas chegando uma a uma, erguendo suas barracas, pensando juntos segurança, alimentação, programação, tudo horizontalmente, no consenso como objetivo último as decisões. Sobre o consenso:

"O princípio do consenso é uma das características mais fortes dos movimentos Ocupa [...] significa que toda decisão do grupo é feita por consenso total entre seus participantes, e não pela decisão da maioria [...] funcionava através de longas discussões, onde cada proposta era apresentada e todos os participantes dialogavam até um comum acordo de qual era a mais interessante para o grupo"³⁰

Racha da democracia representativa não no discurso crítico mas na práxis autogestionada, ou na experiência da sua tentativa, no exercício da construção coletiva sobre outras bases. Como diria Lucas, "não existe teoria sem prática". Não existe pedagogia insurgente fora da prática dos contextos de insurgência, uma prática pedagógica de não-sujeição só pode encontrar viabilidade em indivíduos que comungam de afinidades, de afetos, movimentos de desejo de fuga,

em direção ao ser sujeito de si. O que é a urgência das ruas se não um nome dado a um movimento que atravessou as subjetividades? Os Indignados? O desejo comum de não mais se sujeitar cria o pressuposto a uma pedagogia insurgente, cria a intencionalidade coletiva necessária, funda o entre-lugar³¹ onde as diferenças vão circular. Estendendo a proposta freiriana³² de que é preciso forjar uma pedagogia libertaria com o oprimido para é preciso forjar uma pedagogia libertária do lugar do oprimido no fluxo mesmo do seu desejo de insurgência ao controle, ou melhor, que se forja no seio do processo insurgente uma prática pedagógica que lhe é correspondente, cuja estrutura diagramática emerge da, e

31 - O conceito de entre-lugar vem de Homi Bhabha em dialogo com Franz Fanon, no seu livro O Local da Cultura, de 1994. Dirá "É na emergência dos intertícios - a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença - que as experiências intersubjetivas e coletivas nação [e de etnia, e de povo, e de grupo, e de bando, e...], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados [...] Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de trabalho e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso [...] leva alguém para além de si para poder retornar, com um espírito de revisão e reconstrução, às condições políticas do presente" (p20-22)

32 - Paulo Freire é insistente ao dizer que "... o que vimos chamando de pedagogia do oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele [...] a solidariedade verdadeira está em com eles lutar para a transformação da realidade" (p49) As pedagogias insurgentes expressas nesse relato dobram a formula freiriana quando questionam esse com, na medida em que este determina uma fala de fora, um alguém solidario, uma proposição de prática pedagógica que deve ser realizada com o oprimido, sendo este ultimo diferente daquele primeiro que fala e propõem a pedagogia. Nas ocupações, nas zonas autônomas temporárias, não se trata mais de construir tal pedagogia com o oprimido, mas dos oprimidos juntos construindo seus processos de formação, eliminando portanto essa exterioridade do propositos implícita no discurso freiriano pela emergência do lugar do oprimido em insurgência

na vivência, esta, pode sempre vir a se enrijecer, o que sempre ira corresponder a um enrijecimento também do movimento insurgente, sua burocratização, ou sua inserção na lógica de mercado. *Uma pedagogia insurgente só é possível também em espaços autônomos* distantes (e próximos) das burocratizações e dos mecanismos de controle do estado, distantes (e próximos) do maquinário de cooptação do mercado, qualquer guinada para ambos os lados distorceria o movimento e conseqüentemente seu discurso pedagógico em direção a hierarquia baseada ou na meritocracia, ou na democracia representativa, no dispositivo do voto. *Os ocupas*, como processos de não-sujeição, de afirmação de que outro mundo é possível, *forneem as bases materiais para a emergência de um processo de ensino-aprendizagem livre, de construção coletiva, deshierarquizado,*

"O movimento [ocupa belém] tem um perfil no Facebook, cujos registros ainda descrevem a programação da ocupação da Praça da Bandeira. Com base nesse perfil, afirmo haver sido 27 as atividades organizadas e divulgadas com antecedência, além das que se realizaram no momento por quem estivesse presente. Entre elas incluem-se exposições públicas de filmes e documentários; aulas públicas sobre temas como produção cultural independente, mentalidades científicas e tradicionais e outras formas de resistência social, com participação de professores universitários

e ativistas sociais de Belém; oficinas de práticas ecológicas; inúmeras rodas de discussão; assembleias gerais diárias; um sem número de atividades culturais e as mais diversas manifestações artísticas.”³³

Em São Paulo, acampado na praça Charles Miller, assisti uma aula pública sobre o papel dos movimentos Occupy na atual conjuntura política global, com o prof. Henrique Carneiro da Universidade de São Paulo, titulação que importa menos que a experiência, mais tarde viria a conhecer várias das pessoas que aparecem nessas fotos. Perguntas. Um de cada vez. Replica. Alto-falante[?]. Jogral. Um *retorno a um método de respeito ao outro*. O exercício da paciência implícito no escutar. A organização semântica do pensamento em ebulição nas entrelinhas da fonética. *Re-leitura*. *Microprocessamentos em bando*. Abalo e ruína dos circuitos de segurança na *convivência* com os seres da rua sudestina, no *interstício* daquele que da rua é vivente, com aquele que na rua é - normalmente - o passante. O tempo de uma pedagogia libertaria é outro. Lento se comparado a lógica da educação [re-]produtivista. Necessariamente lento para se permitir escapar das estruturas laminares, hierarquizadas, necessariamente lento pois movente nos fluxos das diferenças individuais que determinam qualquer construção verdadeiramente coletiva. A pressa como inimiga da perfeição deve ser afastada. A perfeição como verdade hermética dada a ser alcança-

da mais ainda. *Nenhum diálogo pode se tornar efetivo na velocidade do time que is money. Uma prática pedagógica emergente em processos de insurgência pede ao mesmo tempo que impõe uma outra temporalidade.* Em Belém, em São Paulo, e em outras centenas cidades do mundo, as ruas se tornaram palcos para, dentre outras coisas, o aprendizado mutuo. co[i]nspirações. Em Belém, de baixo da bandeira do Braşil, um pedaço de amazônia insurgente se movimentava.

“Ao mesmo tempo em que se conversava sobre situações em outros países, questionava-se: “E nós, o que queremos aqui em Belém?” Nesse processo, surgiam compreensões de violências, sutis ou escancaradas, que também eram sentidas aqui, em Belém e na Amazônia, cujas origens confundem-se com o modelo de desenvolvimento social, o sistema econômico e as estruturas políticas, entre outros fatores, da mesma forma como são criticadas pelos movimentos sociais em rede no mundo todo.”³⁴

2012 seguiu, entre trancos, barrancos e muito tram-po, ações foram sendo realizadas, processos sendo *experimentados*. Em junho, paralelo ao Rio + 20, diversos indivíduos e grupos realizam o Xingú + 23, nome que faz referência ao 1º Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, realizado em 1989, que marcou o início da resistência à hidrelétrica de Belo Monte, O encontro que visava fortalecer a luta dos grupos contrários à construção da hidrelétrica na região,

34 - BUSQUETI, Rafael. O Ocupa Blém: Por uma nova política. Belém, 2014.

terminou com a segunda ocupação do canteiro de obras da usina de Belo Monte, registrada e disseminada em padrões de imagens cinematográficos, deu certo em dar visibilidade, mas visibilidade não bastou para desfazer os planos de construção do governo e das suas empreiteiras financiadoras. Dessa vez não fui ao Xingú, mas amig@s do bando estiveram presentes, na volta nos encontramos para uma nova *experiência de ocupação, de com-vivência, de aprendizado mutuo*. De volta a Belém chegaram não só os velhos amigos como novos, integrantes do Ocupa Sampa, alguns já conhecidos por mim e por Luiza na Charles Miller, e do Ocupa São Luiz, juntos com esses e outros, iniciou-se uma ocupação na Praça da Trindade, a qual recebeu o nome de Ocupas + Xingú,

“Nós, membros dos Ocupas Belém, Sampa e São Luís, com muita indignação, retomamos o espaço público a fim de se contrapor não só à posição do Brasil na atual economia globalizada, mas também a própria lógica do capitalismo global. Entendemos que a prática de construção de barragens nos rios da Amazônia não é do interesse da população, mas sim das empreiteiras, dos políticos bancados por elas e dos grandes produtores de capital interessados na produção de energia barata, que desconsideram, ao contrário do que nos dizem, os custos socioambientais. Sabemos que é necessária a integração de esforços de todos para isso - saudamos e nos inspiramos

pela iniciativa da Ocupa dos Povos, no Rio, que também busca ser um ponto de questionamento conjunto.

Quem se preocupa ocupa! Esta praça também é sua, estes rios são de todos nós. Venha compartilhar, construir, trocar experiências! Seja em praças, ruas e rios, ocupar é preciso! Do dia 19 ao dia 21, a Praça da Trindade é a Praça Xingu!"³⁵

Dessa vez não havia ido ao Xingú mas ocupava a rua da minha cidade! Estive presente nas trocas sobre segurança na internet, nas danças circulares, nos momentos de lazer, de vadiagem, de música livre. Pela primeira vez na cidade foi exibido o filme Belo Monte: Anuncio de uma guerra, ali, na rua, a vista de todos que passavam, para os que se interessavam e ficavam, ficava aberta a possibilidade de conversa com André, um dos diretores do filme, membro do Ocupa Sampa, e com todxs xs demais acampados, novamente o audiovisual, a dita sétima arte, *a poética documentarista, como dispositivo indutor de reflexão*, meio de incentivo ao debate, *a troca de ideias e suas reformulações*, ampliações, aprofundamentos, mais uma vez o desafio da autogestão, da convivência em bando no espaço aberto da cidade, tateando o campo minado da *colonialidade*.

2012 se foi, veio doismilecrazy. Em São Paulo o movimento Passe Livre realiza chamadas que juntam

35 - Carta escrita coletivamente após o encontro-ocupação Okupas + Xingú. Disponível em <http://ocupaxingu.wordpress.com/2012/06/20/ocupas-xingu-ocupa-rios/>, acesso em 01.11.2014

gigantescas manifestações públicas, logo começaram os confrontos com as forças repressivas do estado. A PM, o choque, as cavalarias. No dia 13 de junho, dos muitos tiros da pm, um sai contra a própria base. Uma intensa repressão foi vista, toda uma geração de jovens assistindo pela primeira vez na vida uma violência de estado em massa, contra o povo em luta por direitos. Do dia 13 em diante, apropriando-se da pauta, traduzindo-a e sobretudo - na minha interpretação dos acontecimentos - em solidariedade aos manifestantes paulistas, pelo direito de protestar[!] Belém também marchou, entre "o ver-o-peso fede!", e "a burguesia fede!", *processos de subjetivação eram ativados*. Borbulhavam ao sabor do saber do *confronto*, a cada novo dado teórico, a cada nova *experiência prática*. Aqui colo a carta do Movimento Belém Livre - nome que agrupou esse corpo heterogêneo insurgente - no quando da marcha em 11 de julho de 2013, que terminou em frente a prefeitura municipal de belém. O texto que segue foi lido em voz alta-coletiva, em jogral³⁶.

"Hoje, 11 de julho de 2013 completam-se vinte e quatro dias desde de a primeira grande manifestação do povo nas ruas clamando pelas reivindicações de passe livre, redução de tarifas, melhorias no transporte de passageiros e demais serviços públicos essen-

36 - Jogral é um método de conversa entre muitas pessoas, no qual quando uma pessoa fala, esta o faz lentamente, de modo que as outras (ouvintes) possam repetir as frases, criando uma fala em coro, assim todos se ouvem, ao mesmo tempo que devem estar mais atentos, as falas individuais tendem a ser mais respeitadas.

ciais que, em Belém, encontram-se em verdadeiro estado de calamidade pública. Nossa situação no transporte, na saúde, no saneamento e na moradia, é muito pior do que em outras metrópoles e capitais brasileiras como mostram estudos e reportagens. O custo de vida é um dos mais altos [...] Não temos saneamento básico para a grande maioria da população e nem programas de habitação popular, por isso não faltam despejos de moradores pobres noticiados nos jornais quase todo santo dia; sequer hospitais temos, capazes de nos atender condignamente nas doenças mais graves. E não é por falta de verbas que não temos estes serviços. Veja o caso do Terminal Hidroviário da Artur Bernardes em que o governador preferiu devolver o dinheiro, isso mesmo devolver o dinheiro à União a ter que coloca-lo em funcionamento [...] era ao povo que o Terminal Hidroviário iria servir, não às elites. Também é ao povo que servem a Saúde Pública e o Transporte Público, por isso, faltam-lhes a qualidade e eficiência. Qualidade e eficiência em Belém e no Pará é privilégio dos ricos para quem o PSDB governa na nossa cidade e no nosso estado desde sempre [...] está na hora de Vossas Senhorias descerem de seus pedestais, ouvirem o clamor que vem das ruas na forma de muitas reivindicações; não o grito ensaiado nos bastidores da política fisiológica

[...] o clamor dos que reclamam respeito e tratamento digno na prestação dos serviços públicos pelos impostos que pagam ; impostos, diga-se, proporcionalmente mais altos do que pagam os ricos

Será que Belém, além de ser conhecida como uma das campeãs nas mazelas sociais, motivo destas e tantas outras manifestações de protesto, também vai entrar para a história como o reduto dos restos da ditadura civil-militar? que outra explicação podemos dar para esta falta de diálogo com o povo que está nas ruas? [...] Somos uma sub-humanidade a ser tratada na base da chicotada? do açoite? da bomba de gás lacrimogênio? da bala de borracha? Algumas delas lançadas irresponsavelmente sobre gente inocente, o que veio a provocar tragédia como a morte da servidora pública Cleonice Vieira de Moraes e ferir dezenas de outros manifestantes. Tragédia, aliás, que até agora não foi publicamente esclarecida à sociedade como deveria sê-lo por V.Sas [...]

Senhor prefeito, o senhor pode até discordar mas não pode desconhecer que em Belém e pelo Brasil afora já tivemos e ainda temos ricas experiências de GESTÃO DEMOCRÁTICA DA CIDADE, com a decisão de investimentos e prioridades sendo tomadas em Audiências Públicas Orçamentárias com ampla participação popular. Ou seja, decisões tomadas e inves-

timentos feitos a partir das reivindicações da população que está nas ruas, a partir de um processo democrático de decisões. Coisa de anarquista? Não. Coisa de democracia. Basta ir lá no Estatuto da Cidade e ver que esses direitos estão garantidos.

Queremos tomar parte nas decisões que dizem respeito aos serviços públicos. Queremos que nossas propostas sejam ouvidas, discutidas, analisadas, contempladas.

QUEREMOS A DEMOCRATIZAÇÃO E TRANSPARÊNCIA DAS DECISÕES DO EXECUTIVO; QUEREMOS PRIORIDADE DE INVESTIMENTOS NOS SERVIÇOS PÚBLICOS DE QUALIDADE: Transporte, saúde, saneamento, moradia, educação e cultura.

QUEREMOS UMA NOVA POLITICA DE TRANSPORTE PÚBLICO COM PRIORIDADE À IMPLEMENTAÇÃO DO TRANSPORTE FLUVIAL URBANO COM TARIFA ZERO, LIGANDO BELÉM ÀS DEMAIS CIDADES DA RMB E ÀS ILHAS DE OUTEIRO, ICOARACI, OUTEIRO. COM PRIORIDADE A CICLOVIAS E CORREDORES DE ÔNIBUS. IMEDIATA REATIVAÇÃO DO NAVIO BELÉM-MOSQUEIRO.

QUEREMOS HOSPITAIS, PRONTOS-SOCORROS E SANTA CASA DE MISERICÓRDIA ATENDENDO COM RESPEITO E EFICIÊNCIA OS DOENTES;

QUEREMOS MORADIA SOCIAL E SANEAMENTO BASICO PARA TODOS QUE PRECISAM E QUE ESTÃO NUMA "FILA DE ESPERA", HÁ ANOS.

QUEREMOS, ESCOLAS DE QUALIDADE, BIBLIOTECAS, CENTROS CULTURAIS, TEATROS TAMBÉM NA

PERIFERIA

Movimento Belém Livre, 11 de julho de 2013

Essa carta é reflexo das *trocas* ao longo dos debates e reuniões abertas na Pça da República. Considerarei importante expô-la aqui quase que na íntegra como retrato psicológico do momento coletivo, cujo o caráter caótico pode, vez ou outra, neblinar os desejos, como num *efeito de apagamento*, mas ao contrário do que a mídia corporativa-hegemonica algumas vezes ousou dizer, existiam *vontades comuns*, existiam *seres em comunhão*. Essa carta é o *rastro*, resíduo e prova. Longos debates de planejamento de marcha, de construção de pautas, muitas divergências, conflitos ideológicos, conflitos de método, partidáriosXa-partidários, anarquistasXcomunistas, autonomistasXlegalistas... para se chegar a essa carta foi preciso manter o foco nas *afinidades*, naquilo que os indivíduos - nas suas *diferenças* - convergiam. Processo difícil como todo *trabalho em grupo*. Processo poético como o de toda *tecitura*. Processo político de *levante*. Processo pedagógico de *aprendizagem de si do contexto, e do território*. De ampliação da *consciência crítica*, o que segundo freire já *ação*³⁷. Processo estético-existencial de *construção-reconstrução de si*. Junho e Julho se constituíram como *atravessamento*, estrato no qual se articulavam estas

37 - "a realidade opressora, ao constituir-se como um quase mecanismo de absorção dos que nela se encontram, funciona como uma força de imersão das consciências [...] Por isto, inserção crítica e ação já são a mesma coisa [...] Estamos convencidos [...] de que a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática" (FREIRE, 1970, p. 52- 53-73)

e ainda outras forças - a repressora por exemplo. Toda uma geração aprendendo a se manifestar, descobrindo o que acontece no quando do levante, "a Tropa de Choque, a Cavalaria e a ROTAM tentaram nos cercar na Tamandaré. No desespero, o grupo se dispersou e corremos desordenadamente por todos os lados. Encurralaram-nos em paradas de ônibus, postos de gasolina, bares e supermercado. Atiravam balas de borracha, ameaçavam e xingavam qualquer pessoa que achassem que era manifestante"³⁸. Pensávamos os "porques", os "comos", os "quandos", os "ondes". *Problematizávamos*.

Das Barricadas as Barracas

No cerne desse próprio processo de descoberta-busca-experimentação do melhor método, um grupo - consciente-inconscientemente - resolveu adotar outra tática que, sem deslegitimar a importância da marcha como movimento de massa e portanto de pressão, ia para além delas.

"No dia 2 de julho, um grupo de manifestantes que tomou as galerias da Câmara Municipal de Belém para acompanhar a votação do Plano Plurianual foi expulso pela guarda municipal à base de spray de pimenta e balas de borracha. Naquela noite, dez pessoas fincaram suas tendas ao lado da Coluna da Infâmia ou Pilar da Vergonha, monumento em memória

38 - Texto 1 sobre a manifestação do dia 24/06/2013 Belém: Nota nº 1: Esclarecimentos sobre o ocorrido em 24/06/2013, publicado pelo Ocupa Belém, disponível em <https://www.facebook.com/OcupaBelem/posts/545089128884331>

do massacre de Eldorado do Carajás.”³⁹

Me *aproprio* desse recorte jornalístico, mesmo com as distorções que traz consigo, no intuito de prosseguir nessa historiografia. De fato no dia 2 se iniciou o acampamento, de fato, esse início se deu após a violenta expulsão dos manifestantes da câmara dos vereadores, entretanto, a primeira noite, diferentemente do que o relatado na matéria, não foi experienciada na Praça do Operário, e sim no mercado de São Brás, apenas na segunda noite as primeiras barracas começaram a chegar e o acampamento se ergueu, nesse momento sim, ao lado do monumento da infância. Não estava no primeiro dia, cheguei depois, e lá fiquei. Das pessoas que sei que estiveram presentes no primeiro momento lembro Caio, hoje liderança na juventude do PSOL, naquele momento um jovem descobrindo a si próprio, ao mesmo tempo em que ia compreendendo o contexto. Caio é só mais um exemplo que serve a quase todos os *indivíduos em troca* naquele momento. Todos, uns mais outros menos, *estávamos naqueles dias em constante estado de aprendizagem*, dispostos a isso, *desejantes* disso.

“É de conhecimento geral que as manifestações que estão ocorrendo pela cidade são decididas em assembleias públicas na Praça da República, no Mercado de São Brás e por conversas nas redes sociais da internet. A

39 - Em nome de Cleonice Vieira, reportagem de Leonardo Fernandes para o jornal Diário do Pará, disponível em <http://diariodopara.diarioonline.com.br/N-170182-EM+NOME+DE+CLEONICE+VIEIRA.html>

ideia da ocupação de um espaço público foi debatida por diferentes pessoas dentro desses canais pré-existentes, visando basicamente criar mais um espaço de discussão [...] A pauta de transporte - que engloba redução da tarifa para R\$ 2,00 e congelamento desta por dois anos, passe livre para estudantes e desempregados, efetivação da lei do passe livre aos domingos e aceleração da construção do BRT - também necessita de aprofundamentos, que podem ser discutidos neste espaço [...] Acreditamos na socialização de todas essas pautas através de debates abertos e na difusão da informação através de mídias livres e alternativas..."⁴⁰

O Acampamento Cleonice Vieira, nome que veio somente depois da prática, surgiu por *consenso* em uma *conversa coletiva entre os acampados* na qual resolvemos homenagem a gari - ainda que acidentalmente - assassinada, "Cleonice é símbolo de nossa luta e como tal não será esquecida. Exigimos a responsabilização penal dos governantes culpados."⁴¹ O acampamento foi o ápice dessas *experiências*, embora tenham havido outras depois, como as Feiras Libertárias, é, por sua *potência*, a *experiência* escolhida para encerrar esse ensaio-narrativ@. Também porque as *experiências* posteriores são recentes, e precisariam ainda de um tempo que proporcione o recuo necessário para que

40 - Carta nº1 do Acampamento Cleonice Vieira. Disponível em <https://www.facebook.com/OcupaBelem/posts/550535715006339>

41 - idem

possam ser vistas como história, serem analisadas, seja sob uma perspectiva antropológica, política, estética, e pedagógica. Se falo do Acampamento Cleonice Vieira como ápice, o faço justamente por interpretá-lo como aglutinador, *catalisador de todas as experiências metodologias - práticas pedagógicas, práticas e pesquisa, didáticas, convivência, mutualismo, auto-organização, prática ativista, de intervecionismo urbano, de guerrilha poética, espaços de trocas horizontais - acumuladas até então pelos indivíduos e/ou grupos que por ali passaram, dormiram, acordaram, se conheceram, treparam, brigaram, festejaram, sofreram. Nem ganhamos nem perdemos. Tivemos uma experiência e aprendemos com ela.* Cada um a sua maneira. Cada indivíduo, do seu modo singular, construiu ali, uma parte da sua singularidade, da sua *estética da existência*⁴². "ocupamos, resistimos e produzimos neste espaço onde o ser político é constantemente desafiado a se reinventar"⁴³. Ora, do trata a reinvenção do ser político se não da [re-] construção de si?

Do desafio da reinvenção surgem as *tentativas*. Os *processo de formação*. O *Viver Poético*. A *arte da existência*. Busca coletiva pelo processo coletivo ideal, o *próprio processo mikrorevolucionário se formando na medida mesma em que constrói seu método*

42 - "O problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não é o de tentar libertar o indivíduo do Estado e das instituições estatais, mas de nos libertar tanto do Estado quanto do tipo de individualização que está vinculado a ele. Precisamos promover novas formas de subjetividade através da recusa desse tipo de individualidade que tem sido imposta a nós há vários séculos" (FOUCAULT, 1983, p216)

43 - Carta nº2 do Acampamento Cleonice Vieira: Nós aqui estamos pelo o que nós somos!. 15.06.2013

de formação. O indivíduo é ele mesmo construtor de si - autor de si - na troca com o outro, no mesmo momento em que, através de amb@s, as formas de trocar vão se realizando. Uma prática pedagógica que busque a libertação deve tomar a autonomia de si como pressuposto, como dispositivo chave do processo emancipador. O desejo e a ação de insurgir contra os aparelhos e dispositivos de sujeição afirma por si só o desejo e a prática da autonomia de si, ao mesmo tempo em que gera uma pedagogia, anterior ou posterior ao levante, que lhe corresponda, que lhe pense, que seja parte do seu processo de construção e que portanto também si pense, sendo mãe, e irmã, e filha do bando e da insurgência. Das 10 pessoas sem barracas no Mercado de São Braz, para uma verdadeira zona autônoma temporária, poucas horas se passaram. Logo lonas estavam erguidas, bandeiras piratas nas mangueiras da amazônia, cartazes eram dispostos no chão num grande mural horizontal, cada indivíduo ou grupo levantava suas bandeiras, suas faixas. Toda a organização do acampamento era feita pela coletividade acampada, operada por consenso, em debates abertos. A programação era livre, um quadro sinalizava os espaços-tempos vagos. Muita coisa preencheu nosso tempo durante aqueles dias. Opto primeiro por sinalizar que todo o processo de auto-organização do acampamento pediu longos espaços-tempos de conversas horizontais, o que traz consigo uma prática de respeito ao outro, sendo todas as opiniões válidas, e toda a expressão livre, o mesmo método se estendia as conversas sobre conjuntura de luta, de análise

de contexto, de planejamento de ação, todos esses momentos promoviam reconfigurações mutuas emergentes na própria *práxis do diálogo*⁴⁴. Esse processo, que pode ser tomado como o *método, dialógico, des-hierarquizado*, atravessava permanentemente nossas *com-vivências*. Porém é possível que as Aulas Públicas promovidas no Acampamento tenham sido a maior expressão - ou a mais próxima de uma estrutura formal, clássica, mas ainda assim em oposição a esta - de uma prática pedagógica libertária. Sob esta nomenclatura foram cinco: sobre Mobilidade Urbana com a Prof Marly Gonçalves e o Prof e poeta Cley de Souza; sobre a saúde pública no estado e no município com o grupo Unidos pela Saúde; sobre as possibilidades de luta dentre de uma perspectiva legalista (com a Frente Legislativa Popular), processos de reforma via leis de iniciativa popular; Anarquismo e Resistência com os membros da Qasa Utopi; Frente pela Cultura, que trazia a demanda dos artistas que também se manifestavam naquele momento, pedindo não só a saída do secretário de cultura, naquele momento e até hoje, Paulo Chaves, como também a implementação da lei municipal Valmir Bispo, de incentivo a cultura popular.

Sobre algumas dessas experiências corto fragmentos da 2ª Carta do Acampamento, como possível apresentação dos “resultados” cognitivos, justamente por expressarem ideias a que se foi possível chegar após

44 - “O dialogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronuncia-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu [...] Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens [e mulheres] que, em comunhão, buscam saber mais” (FREIRE, 1970, p.109/112)

essas *aulas-diálogos*.

Sobre o Tarifa Zero e transporte público:

"Abolir as catracas é fundamental para o exercício da cidadania integral e concretização do princípio da igualdade, e isso não é só uma questão econômica [...] é urgente a quebra dos monopólios das empresas de transporte que há anos são protegidas pelos políticos locais em troca de patrocínio de campanha [...] construção de um conselho municipal de transporte, de iniciativa popular, para fiscalizar, analisar, e auxiliar a gestão do sistema de transportes da nossa cidade e o investimento em transporte hidroviário na região metropolitana [...] Declaramo-nos também ideologicamente contra o fetichismo do automóvel individual sustentado pela publicidade como solução para o incômodo no trânsito, pelo contrário, entendemos esta ideologia como parte crucial do problema."

Sobre arte, cultura, e artistas:

"entendemos que, se a arte entra no jogo do mercado como necessidade de sobrevivência desses artistas na selva do capital, ela não deve se reduzir ao jogo da economia da cultura, bem como um movimento de artistas não deve reduzir suas reivindicações

à democratização dos recursos públicos. A própria estrutura de financiamento deve ser pensada criticamente [...] O jogo de selos, portfólios, logos, tudo deve ser questionado quando se pensa em arte livre. Uma arte livre deve ser autônoma [...] Dessa forma entendemos como legítimas as reivindicações dos artistas. Da mesma maneira que entenderíamos se fossem professores requerendo aumento de salário, o que não resolveria o problema da educação [...] Arte e cultura são conhecimentos ancestrais constitutivos do humano, em especial na Amazônia, e não ferramentas ou indicadores de ascensão econômica e social, e por isso manifestamos latente preocupação quanto a esta abordagem."

Sobre legalismo e reformas

"Reformas são medidas pontuais, que não tornam nossa sociedade igualitária, mas que contribuem, ora para uma redução das desigualdades, ora na promoção de maior transparência nas decisões políticas [...] brechas na estrutura política monopolizada pelos gestores do poder para o exercício da democracia direta"⁴⁵

As tática do uso das cartas como exercício de construção coletiva, como possibilidade de contra-dis-

45 - Carta nº2 do Acampamento Cleonice Vieira: Nós aqui estamos pelo o que nós somos!. 15.06.2013

curso, afirmação de um outro território, toma como referência principalmente as ações Munduruku, que se utilizam da linguagem da cartografia para estabelecer o *diálogo do movimento com sua exterioridade*, ora numa poética de confronto, ora de convite. As cartas podem dessa forma ser tomadas como *releitura de mundo, de contexto de mundo e de si*. Qualquer remetente diz de si na mesma medida em que diz do mundo. As cartas tomadas como *tática de insurgência*, dizem do mundo na mesma medida em que dizem do bando, que enquanto escreve sua visão de mundo se inscreve no processo histórico-social. Em carta, o bando deixa os rastros do seu próprio processo permanente de aprendizado, por vezes dando a ver traços de seus projetos pedagógicos, estes também em mudança constante.

As atividades pedagógicas do acampamento não se resumiam a aulas, tão pouco as cartas se resumiam a relatos de aulas. Isso seria por de menos libertário, por mais horizontal que fosse o diálogo, representaria uma rigidez contraditória ao processo insurgente. As cartas tinham a liberdade de tratar dos mais diversos assuntos em processo de ebulição. As cartas eram livres, tal e qual a *programação construída, sob bases autogestionadas*. Técnicas e/ou habilidades encontravam seus espaços em *oficinas transdisciplinares*, justamente por dispensarem categorias, por *des-acreditarmos na concepção modernista de repartição do conhecimento como método de*

alcançar a verdade. Não existem verdades, somente regimes de verdade⁴⁶. Cabe a uma parte de toda pedagogia insurgente desvelá-los. Aprendemos isso juntos. Eduarda Canto promoveu uma oficina de Fanzines. Como enquadrar um zine? No campo da comunicação, no campo da arte, da artesanaria? Mas e se pensarmos seu conteúdo? E se for feminista, continuará circunscrito apenas a esses limites materialistas, de mídia e/ou de linguagem? *Abrimos as disciplinas para ultrapassá-las* em direção a uma *prática transdisciplinar*⁴⁷. Johnson trouxe a capoeira, inicialmente numa oficina de Derruba e Desarma, e posteriormente nas rodas e treinos que foram se seguindo, a capoeira como arte - macial, musical, dança, ancestralidade - de resistência, como instrumento de fortalecimento de uma *prática cultural de confronto, historicamente marginalizada, e por isso mesmo de natureza insurgente*. Josi, que é músico educador na rede pública do estado trouxe a etnomusicologia, ampliando a discussão, história social da música do Brasil, história social da música na amazônia, d@

46 - "a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...] A verdade é deste mundo: ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seus regimes de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros" (FOUCAULT, 1979, p. 12)

47 - A Transdisciplinaridade "faz emergir das confrontações entre as disciplinas dados novos que as articulam entre si; oferece-nos uma visão da realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas abertura de todas elas aquilo que as atravessa e ultrapassa [...] Artigo 5: a visão transdisciplinar é resolutamente aberta na medida em que ela ultrapassa o campo das ciências exatas devido ao seu diálogo e sua reconciliação não só com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual" Carta da Transdisciplinaridade, publicada no I Congresso de Transdisciplinaridade, em 1997, Portugal

negr@, d@ indígen@. Novos elementos iam chegando e integrando a consciência. Os harekhrisnas, por mais de uma vez, ensinaram-nos receitas veganas, possibilidade de práticas possíveis contra os conflitos de quem se percebe inserido num mercado alimentício do latifúndio monocultor, da transgênia, dos agrotóxicos, de morte e desmatamento. *Arte-culinária contra a química industrial*, contra o mercado agroexportador-explorador. *Essas atividades práticas, forneciam alimentos ao bando em insurgência. Fusão da teoria com a prática. Harmonia entre os conteúdos e a vida cotidiana daqueles em processo de aprendizado.* Que como tal, deve ter espaço a recreação.

No acampamento conheci Eric e Erika, meus amig@s desde então. A dupla de irmãos trazia para o acampamento o teatro, as práticas corporais - não obrigatoriamente mas quase sempre - diárias que forneciam aos que estavam ao redor a possibilidade do *exercício de conhecer a si no âmbito do corpo*, momentos de *descoberta corporal, busca e construção da partitura de si*. A partir desse contato com eles, eles e outr@s passaram a sair juntos para fazer os sinais, muitos se encontraram e seguiram em direção ao teatro, ao clown, ao circo. Sim, as vezes era festa. Acontece que *ocupar o espaço público para a festa já é resistência*. Tente batucar e dançar em alguma praça da cidade! Batucávamos. Improvisávamos juntos. *Estudávamos música juntos*. Pode se dizer constantemente. Não só nas jams programadas e mais por assim dizer produzidas, mas a todo instante, quando alguém no canto tocava um violão e algum outro en-

costava com um pandeiro, uma flauta, uma voz, uma letra. Maécio propôs um *jogo*, um *processo de composição* através do qual, do acampamento, saíram duas paródias, uma delas - possivelmente-provavelmente - plagiadas no Fantástico⁴⁸, na dúvida verificar as datas. Composições em tom de sátira, que denunciavam: as relações de opressão-repressão da polícia para com os manifestantes como em Vinagres de Junho, "é pau, é pedra é spray de pimenta/ é porrada na cara, é polícia violenta"⁴⁹; a política partidária a relação dos manifestantes com eles mesmos e com o mundo, como em coxinhizado, "se você disser que eu sou coxinha amor/saiba que isso em mim provoca imensa dor/ só privilegiados tem a máscara do V, de cara pintada estou na TV"⁵⁰. Ao áudio, por vezes se fundiu o vídeo, não falo só dos registros de paródia, inseridos na lógica do "nós somos a mídia", falo também, e agora principalmente, do *audiovisual como dispositivo pedagógico, de instauração da problematização, da reflexão, da análise e interpretação dos conteúdos* - acontecimentos exibidos - e da *poética* - da linguagem audiovisual. A exibição de documentários, e também por vezes de ficções, animações, era frequente. Meu primeiro contato mais atento com o zapatismo foi através do documentário Marcos, Aqui Estamos, exibido no acampamento, toda uma descoberta de um processo revolucionário na América latina de bases Ameríndias! Uma outra referência de processo revolucionário surgia aos olhos daqueles que esta-

48 - Para ver, <https://www.youtube.com/watch?v=9H6f1e1RqrA>

49 - Para ver e ouvir <http://www.youtube.com/watch?v=7rmLZ450trk>

50 - Para ver e ouvir <http://www.youtube.com/watch?v=H7ZxG9oLLgg>

vam naquela noite em São Bráz, uma nova referência cortando o tripé capitalismo-comunismo-anarquismo, exatamente como estávamos procurando fazer, e temporariamente, naquela zona, autonomamente, *fizemos, enquanto aprendíamos a fazer, o que, e de que modo.* Un Poquito de Tanta Verdad, Brad: Uma Noite nas Barricadas, e outros docs *ampliaram a leitura de mundo de muitos de nós, ampliando consequentemente o arcabouço de referências para as releituras, para as práticas insurgentes, inclusive as videográficas, no que tange ao registro de intervenções, de ação direta, de vídeo denúncia, registro de violências do estado, táticas de segurança, táticas videografismo, de edição-montagem.* Como no Cine-Varal, o audiovisual volta a ser tomado como *dispositivo de ativação de uma experiência atravessada, experiência pedagógica e política e estética e existencial.* Esta última mais ainda agora. O cine-varal, *como intervenção urbana, de caráter não-programado,* contava com a predisposição dos passantes em dar ou não sua atenção, de serem ou não fisgados, no Acampamento estavam pessoas em *unidade desejante, em processo de insurgência,* logo os conteúdos documentados se ligavam diretamente ao cotidiano do público. A tomada das rádios em Oxaca e a importância das rádios comunitárias, da democratização da mídia, o trabalho de video-ativismo do CMI, as táticas de segurança, as possibilidades técnicas e de formação de redes. Tudo “era filtrado ali, naquele espaço azul, naquele tempo azul, naquele tudo azul!”. Romário e Lucas propuseram uma mostra de vídeos e conversa sobre

sexualidade, gênero, corpo político-poético, a exibição de trabalhos de Sara Parnamby, Fakir Musafar, Ron Athey, talvez conferisse um lugar da arte, porém ainda assim, este se constituía desde a gênese em processo atravessado.

O acampamento Cleonice Vieira como espaço-tempo desse encontro [e troca] de pessoas, de pautas, grupos, de técnicas, de processos, de metodologias, de informações, de poéticas, se configurou como um estudo de caso de onde se pudesse retirar pontos que esbocem uma pedagogia insurgente, sob as bases freirianas, porém fundada principalmente nas experiências, que por sua importância determinante a teoria, tiveram de ser descritas, tornando inapropriada uma outra construção textual, poética, que não a narração. Não mudamos o mundo, mas sem dúvida mudamos a nós mesmos, e nossa relação com ele. Os acontecimentos e o processo de singularização dos indivíduos por si mesmos, por nós mesmos, é o próprio resultado de um processo de aprendizado cuja a prática era operada através de trocas horizontais, da diluição da dicotomia educador-educando, da prática autônoma autogestionada, cada um assumindo suas responsabilidades para com o bando, do saber de si no mundo a partir dos processos de desvelamento dos regimes de verdade, e a consequente re-construção de si, da tomada da opressão como objeto de estudo em bando, em unidade desejante. Uma pedagogia insurgente não deve ser feita com o oprimido, ela é feita pelo insurgente, na inscrição coletiva da insurgência.

"Ontem a noite, em uma assembleia no acam-

pamento Cleonice Vieira a proposta que já rondava as discussões de construir o ato no dia 20 de junho foi consensuado e um possível levante do acampamento no mesmo dia foi discutido por quem estava presente, inclusive com a participação de algumas pessoas que estavam na reunião acontecida da praça da república do Movimento Belém Livre onde o ato foi também acordado. [...] o acampamento nessa semana irá se preparar também para este ato com atividades mais propositivas, por isso chamamos a todos que possam ir esses dias, para construirmos juntos nossas intervenções visuais, auditivas, audiovisuais..."⁵¹

Das Barracas de volta às Barricadas

51 - Luah Sampaio na apresentação do Ato Cleonice Vieira, publicado em 17.07.2013, disponível em https://www.facebook.com/events/354150454712398/?ref=3&ref_newsfeed_story_type=regular, acesso 01.11.2014.



No dia 20 levantamos acampamento.

III

Processos de Busca;Caça;Coleta

Pode um processo de pesquisa ser considerado prática pedagógica? Chegamos aqui no limite com a norma, eliminamos a figura do professor, do educador, do ensino até, talvez. Pode um processo de pesquisa coletiva, de busca de informações, de coleta de dados, ser considerado prática pedagógica? Um tipo de prática pedagógica autogestionada? Pode ser tomado como exemplo? Como referencia? Enquanto *a ideia de ensino e aprendizagem se esvai na práxis, outras metodologias vão sendo experimentadas, testadas pelo coletivo a*

partir das proposições de cada indivíduo ativo. O campo é vasto, a que se fazer o reconhecimento do território, *entender a caça, pensar a caçada, as táticas*, os passos, construir e fugir das armadilhas burocráticas-mercadológicas. No tempo presente, correr atrás da história colonialista e do entendimento do território explorado. Em busca de um tesouro para o qual o mapa ainda tem de ser inventado. Para tanto, são sempre necessárias *expedições no espaço* - trans-lados geográficos, rodoviários, hidroviários - e *expedições no tempo* - decupagem dos fatos ao longo do processo hitórico - *narrativas oficiais x narrativas marginais* - *construção de uma narrativa crítica possível de si no (e do) mundo*:

"el momento en que nos damos cuenta de el lugar que habitamos em la matriz colonial de poder, e nos damos cuenta que estamos hierarquizados, y estamos hierarquizados por uma maquina de producir diferencias, y esa maquina és la colonialidade." (MIGNOLO, 2012)

Em 2012 participamos (eu enquanto LABCART) da construção da cartografia Mapazônia, cuja realização também [não] era assinada por Giseli Vasconcelos e pelo QualquerQuoletivo, uma imersão de semanas nos leva as profundezas da lama, até os tentáculos do

inimigo, num processo de pesquisa e interpretação de dados dos quais a *narrativa cartográfica* é o *resíduo*. Tentativa de compilação. De *construção de narrativa*. De *releitura*. Rastro de um processo intenso de desvelamento da matriz colonial de poder⁵² no contexto amazoniano. Caça-coleta + Crítica&clínica⁵³. Recorte parcial. Subjetivo-objetivo. Individual-coletivo. Pode a *união afetiva* de pessoas, em torno de desejo comum de *insurgência*, gerar contextos pedagógicos, educativos, de *mutua aprendizagem*? Sem a figura do educador e do educando, sem o espaço escolar, sem objetivo pré-determinado além de uma vontade em comum inapreensível, é possível efetivar nas entrelinhas de uma relação dessa natureza um processo [também estético - também existencial] de ensino e aprendizagem? Para responder a pergunta seguirei narrando. Quase duas semanas de trabalho entre a coleta de dados, se acrescentarmos a isso o tempo de impressão serigráfica soma-se mais de um mês. Tínhamos uma base. Um espaço físico. Apartamento não

52 - "elemento de colonialidade no padrão de poder hoje hegemônico [...] Dois processos históricos convergiram e se associaram na produção do referido espaço/tempo e estabeleceram-se como os dois eixos fundamentais do novo padrão de poder. Por um lado, a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na idéia de raça [...] Por outro lado, a articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial (QUIJANO, 2005, p.109)

53 - Apropriação do título do livro de 1997 de Gilles Deleuze no qual ao desenvolver uma análise filosófica a partir de textos de crítica literária o autor traz (metaforicamente-metodologicamente) a literatura para o divã, efetuando diagnósticos, construindo processos axiomáticos... o título é aqui apropriado visando uma aproximação descritiva das metodologias dos processos cartográficos relatados, na medida em que estes em análise crítica diagnosticam pontos problemáticos da ocupação e exploração do território, do modelo de desenvolvimento em curso, e das subjetividades imersas nesses processos, incluindo aí as nossas.

muito grande no centro da metrópole amazoniana em *decadence*. Computadores. Internet. Projetor. Impressora abastecida com cartuchos. Muita parafernália tecnológica é verdade. Mas é o que chega. É um *sintoma*. Um *primeiro diagnóstico*[?] - *Hibridismo*⁵⁴. *Hackeamento*. Tudo isso chega. *Tudo é apropriado na velha lógica antropofágica oswaldiana*, re-contextualizada na pós-modernidade terceiro mundista sob o discurso de *empoderamento da tecnologia do possível*, sob as bases libertárias das tecnologias de *código aberto*, dos *softwares livres*, do *copyleft* ao *copyright*, e também *não mais para se propor a pensar a identidade brasileira, mas para questioná-la*. Confrontá-la. Tencioná-la. Pensar a que serve, a quem serve, e de onde vem esse sentimento nebuloso de nação e de identidade nacional que encontra na camisa amarela seu maior símbolo. Questionar uma identidade nacional gestada no centro-sul imposta as outras regiões num frio processo de silenciamento dos povos do sertão, da amazônia, na mesma medida em que vão caindo os véus da narrativa oficial, evolucionista-positivista-desenvolvimentista, apartir da coleta e do processamento de dados. Questionar a própria pos-

54 - Néstor canclini em *Culturas Híbridas* irá destrinchar a América Latina dentro de uma perspectiva da sociologia da arte, "A hipótese mais reiterada na literatura sobre a modernidade latino americana pode ser resumida assim: tivemos um modernismo exuberante com uma modernização deficiente [...] modernização e democratização abarcam uma pequena maioria", Canclini nos diz exatamente o que estamos tentando dizer, na amazônia, onde apenas 7% dos indivíduos tem acesso a internet, indivíduos e grupos desenvolvem trabalhos em arte tecnologia objetivando processos de empoderamento microrevolucionários, o coletivo Puraquê em Santarém, a Rádio livre em Tefé, dentre outros que desconheço. A tecnologia utilizada no processo poético do mapazônia é reflexo também dessa desigualdade de acesso na mesma medida em que o denuncia.

sibilidade de construção de identidades rígidas, escapando com isso da possibilidade de uma guinada em direção a um fascismo amazoniano, detemo-nos a *pontuar diferenças, diferenças de temporalidade, diferenças cosmogônicas, alimentares, sociais, de clima, de partitura corporal, de humor e afeto no mesmo momento em que se vai deflagrando os processos capitalísticos exploratórios amparados no discurso oficial construído e disseminado nos aparelhos ideológicos de estado*⁵⁵. Mais que propor uma solução, chegar a uma imagem clara do contexto neocolonialista atual - por isso o mapa, por isso o processo de mapeamento - e a partir daí quem sabe, chegar a um esboço do contexto que se pretende, porém sem projeções identitárias homogeneizantes, dessas que transformam munduruku[s] e ticunha[s] em índios, ribeirinhos, seringueiros e quilombolas em povos da floresta, comunistas e anarquistas, professores e estudantes, em vândalos subversivos, tentando, mesmo sem saber qual caminho seguir, escapar dos caminhos que se sabe desejar fugir, a linha de fuga do voo da bruxa amazoniana na qual pegamos carona, segue os rastros fluídos dos resíduos da história *em análise crítica, em estado subjetivo de alerta*. Documentos oficiais, vídeos, jornalismo de todo tipo, campanhas publicitárias, mapas, mapas e mais. Tudo em sobreposição, em *processo de acúmulo*. Logo o espaço se torna pouco, o método limitado. Entra em jogo a *criação do processo criativo. Há poética. Há improvisação. A gambiarra como força criativa*. A busca de

55 - Para saber mais, Louis Althusser em Notas sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado.

soluções em direção a um quase-cinema⁵⁶, da projeção dos mapas as marcações, delas os pontos em conflito, os enclaves capitalísticos na amazônia em choque com as culturas tradicionais, ou se nem tanto, com as regiões cedidas a elas pela malevolente e lenta mão do estado. A partir de um *jogo de construção de imagem construir uma leitura pra si - e para o mundo - do território ao redor*, nesse caso *da amazônia como celeiro de matéria-prima fundamental ao capitalismo mundial integrado*⁵⁷. Saber da política energética, dos planos de ocupação do território, das migrações, dos conflitos de terra, das mortes, dos silenciamentos! *Se a educação deve ser libertadora, e processos de pesquisa podem ser considerados uma prática pedagógica, processos coletivos de pesquisa de busca e caça se constituam como exemplos mais avançados de prática pedagógica libertária*, justamente por seu caráter ao mesmo tempo *coletivo e autodidático. Busca pela informação - entendimento do contexto - caça ao inimigo e ao método. Quebra do silencio. Re-leitura e*

56 - Quase-cinema aqui faz referência a obra homônima de Hélio Oiticica na qual o artista realiza projeções questionando o cinema narrativo e a posição apenas contemplativa através da recusa do objeto acabado, o convite à participação e novas relações espaços-temporais que alteram o modo de percepção do visitante, a imersão do indivíduo na imagem projetada e suas interferências são uma imagem apropriada do espaço de trabalho na construção do mapazônia, no qual a sala-estúdio era tomada por projeções (e impressões de rabiscos, anotações, desenhos, fotografias, documentos) que davam base as marcações da cartografia.

57 - Gattari em Revolução Molecular defini o capitalismo como sendo mundial integrado na medida em que "colonizou o conjunto do planeta, porque atualmente vive em simbiose com países que historicamente parecem ter escapado dele [...] e porque tente a fazer com que nenhuma atividade humana, nenhum setor de produção fique fora do seu controle" (p. 211), quanto a Amazônia nesse cenário, o Plano Nacional de Desenvolvimento (I PND) é claro ao defini-la "como fronteira exótica fornecedora de matérias-primas para as regiões modernas do país"

disseminação. A arte, esse tipo de práxis humana cujo o conceito mal acabado – justamente porque inapreensível – encontra-se expresso nessas 4 letras, entra atravessada no processo do mapeamento; na leitura de mapas oficiais para a (releitura) construção de um contra-discurso, de uma *não-arte que é poética, de uma anti-arte estética, Tornando-nos não-artistas*⁵⁸. Artivistas⁵⁹ talvez. No *ludicidade da busca e experimentação do jogo coletivo ideal. Na procura do método adequado de pesquisa (h)a experiência da aprendizagem. Trabalho produtivo X ócio criativo-crítico, “por uma cartografia crítica da amazônia”*⁶⁰; no *fazer manual do processo serigráfico, na expressão, no momento em que a arte se presentifica, se construindo na medida mesma em que constrói seu próprio processo de fazimento*⁶¹. Tentativas e erros, tentativas e acertos no Atelier do Porto⁶², único lugar de amigos

58 - “Não arte é qualquer coisa que, embora ainda não aceita como arte, tenha atraído a intenção de um artista com essa possibilidade em mente [...] a vida da não arte é precisamente sua identidade fluida [...]

59 - “Quando as pessoas transcendem a politização da arte para buscar outras formas de emancipação social do indivíduo, uma maneira de propor isso é criar novas interfaces entre estética, ética e política ligadas aos movimentos de contestação” (ARANHA, 2013, p. 71)

60 - Mote apropriado do título Dossiê Por Uma Cartografia da Amazônia, publicação na qual o Mapazônia se insere > dossie.comumlab.org

61 - “Formar, portanto, significa “fazer”, mas um fazer tal que, ao fazer, ao mesmo tempo inventa o modo de fazer [...] significa por um lado fazer, executar, levar a termo, produzir, realizar e, por outro lado, encontrar o modo de fazer, inventar, descobrir, figurar, saber fazer; de tal maneira que invenção e produção caminham passo a passo, e só no operar se encontrem as regras da realização, e a execução seja a aplicação da regra no próprio ato que é sua descoberta [...] Com efeito, o modo de fazer que se procura inventar é, ao mesmo tempo, o único modo em o que se deve fazer pode ser feito e o modo como se deve fazer.” (PAREYSON, 1993, p.59-60)

62 - “O Atelier do Porto é um coletivo de artistas estabelecido

onde encontramos uma mesa de revelação de 1x1m. O Mapazônia teve 60 cópias impressas, até hoje existe em todos a vontade de realizar uma nova tiragem, o que ainda não aconteceu. Como relíquia sua versão física está espalhada com algumas pessoas dentro e fora da Amazônia, o último que doeí ficou no Laboratório de Mídias Autônomas em Recife, ficou lindo lá, trocamos alguns zines também, deixamos todas as edições do Amazônia em Chamas, também trouxemos o primeiro zine deles pra Belém. O HackLab, onde começou o processo que pode se dizer, se encerrou com o Mapazônia - e com a publicação do Dossiê Por Uma Cartografia Crítica da Amazônia da qual o mapa faz parte - deu frutos, a concepção e valorização da formação de redes artivistas colocou, e se se pode falar em uma nova geração, esta é uma das suas maiores características, *tanto o processo de troca de ideias do hacklab, quanto a pesquisa e construção colaborativa que desencadeou o Mapazônia* são táticas também de aproximação de pessoas, fortalecimento de vínculos presenciais que tencionem a distancia, fortalecendo as *atividades autônomas, os laboratórios de formação crítica, de ação poética, política*, a arte está pois fora dessas quatro letras, está espalhada, transbordando dos corpos e mentes em *experimentações insurgentes que se configuram como etapas de aprendizagem* existentes no centro histórico da cidade de Belém, que se destaca por sua atuação no campo das artes visuais com acento na produção e na difusão da gravura produzida no estado do Pará. Contudo, a pesquisa de criação do grupo que responde pelo espaço não se limita a uma modalidade técnica, seu campo de interesse envolve outras linguagens, como a escultura, a pintura e a vídeo-arte, por exemplo" trecho retirado da apresentação do Atelier por seus membros, disponível em <http://atelierdoporto.blogspot.com.br/p/curriculo.html>, acesso em 30.11.2014

cial. Estéticas de reexistência que quando juntas, se fortalecem para suportar o peso do mundo quando separadas pelas diásporas da vida. *Trocas de táticas para se esquivar dos aparelhos de captura*⁶³, sumir na teia de vigilância global. Escapar dos tiranos que carregamos em todos nós oprimidos no teste da convivência, na distensão do tempo no fluxo das longas conversas. Os Ocupas sempre trouxeram tudo isso, o Cleonice Vieira, mas agora trato especificamente dos *processos de pesquisa coletiva, estes que chamo de busca:caça:coleta*, falávamos de um primeiro, agora vamos ao segundo.

Passou 2012, veio 2013, ano de intensidade acima do normal. Depois de junho e julho, de todas as movimentações nas ruas que explodiram ao longo do território nacional - que não se pode esquecer, seguem em uma tendência mundial de revoltas multifacetadas, dos Indignados na Espanha, do Occupy Wall Street, da Primavera Árabe, do Chamado Zapatista indo mais atrás. Ligadas inicialmente ao Movimento Passe Livre, mas ampliadas principalmente em solidariedade, como resposta a violência policial sentida e vista no dia 13 de junho em São Paulo, reverberaram em Belém em diversas manifestações das quais talvez a maior das vitórias tenha sido o congelamento do preço da passagem naquele ano, e a maior derrota, a morte da gari Cleonice Vieira no dia 20 do mesmo mês, quando em serviço sofreu um ataque cardíaco fruto de uma bomba de às lacrimogênio disparada pela guarda municipal da prefeitura da cidade. O prefeito saía da sede da

63 - Gilles Deleuze e Félix Guattari, 7000A.C. - Aparelho de Captura, em Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia VOL.5, 1997.

prefeitura, o efetivo da guarda que dava cobertura a sua fuga, ou que assegurava sua segurança, disparou uma bomba que acertou a janela de onde Cleonice aguardava a liberação no serviço. Os manifestantes a tentaram ajudar, mas sua vida não pode esperar. Entre vitórias e derrotas o saldo não foi positivo. O que não quer dizer que a *experiência* tenha sido inválida. Dias depois, foi montado um acampamento aberto no centro da cidade com o nome da gari, conseguimos uma matéria no jornal da máfia de oposição ao prefeito mafioso atual, o falecimento de Cleonice entrou assim para os arquivos oficiais. Ponto para os insurgentes em bando! Nem por isso consolo a família da trabalhadora. Mas esse não era meu ponto agora. Falei bastante dele na sessão anterior.

Nesse mesmo ano, preenchido por todas estas intensidades e ainda outras, viajamos em novembro para a região do tapajós, eu, Luiza Cabral, Luah Sampaio e Yuri Barros, numa articulação Amazônia em Chamas⁶⁴ & Labcart - se as coisas são ou foram separadas, pode-se dizer que fomos: de um lado, participar da 2ª reunião do Movimento Munduruku Ipereg Ayu - produzir conteúdo crítico [Texto, áudio e imagem], operacionalizando uma *contra-comunicação* a partir da disseminação de um discurso a cerca desse conflito, cuja perspectiva estava (e está) mais próxima das re-

64 - "Amazônia em Chamas é um coletivo de comunicação ativista que há três anos se reuniu com o intuito de produzir e facilitar a veiculação de informações sobre conflitos causados pela construção, hoje em curso, da UHE de Belo Monte. Desde então vem produzindo conteúdo (zines, vídeos, fotografias, blogs) de denúncia relacionado aos grandes projetos de desenvolvimento que assombram a região amazônica" Trecho retirado do editorial do coletivo na sua página na web, disponível em <http://amazoniaemchamas.noblogs.org/editoria/>, acesso, sempre.

sistências indígenas; de outro, construir junto aos Munduruku uma cartografia que servisse como *relato-denúncia* dos processos de imposição do desenvolvimento aos povos silenciados da floresta, imergindo assim num *processo microrrevolucionário que pretende tirar a Amazônia do silêncio invisível em busca do horizonte utópico de um futuro descolonizado*. Sim, pretensioso, mas “Para que serve a utopia?”⁶⁵ Ora, estamos no campo do desejo, que é avesso a racionalidade realista-derrotista, sem o qual não há *intencionalidade, nem unidade desejante*⁶⁶. É possível uma pedagogia libertária distópica?, sem desejo de utopia? Já havíamos aprendido no Hacklab, na ocupação de Belo Monte em 2011, nas trocas no Acampamento, nas ruas, e sobretudo no Mapazônia, que existe uma *matriz colonial de poder que se reproduz internamente com tão ou mais força que o jogo entre nações*, atravessando

65 - A utopia está no horizonte. Eu sei muito bem que nunca a alcançarei. Se eu caminho dez passos, ela se afasta dez passos [...] Ela vai se afastando na medida em que me aproximo [...] Para que serve? Serve para isso, para caminhar” Eduardo Galeano, em Direito ao Delírio, entrevista de 2011 no programa Singulares do Canal 3 - Television de Catalunya S.A. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ICsnSAyJABY>, acesso em 30.11.2014

66 - “O que está em questão agora, é o trabalho da verdade e do desejo por toda parte onde pinte encanação, inibição e sufoco [...] O que muda se a questão da coordenação, ao invés de se colocar para o indivíduo, se coloca para grupos de base, famílias artificiais, comunas? ... O indivíduo tal como foi moldado pela máquina social dominante é demasiado frágil, demasiado exposto às sugestões de toda espécie [...] Num grupo de base, pode-se recuperar um mínimo de identidade coletiva [...] com um sistema de controle ao alcance da mão: assim o desejo em questão poderá talvez fazer valer sua palavra, ou estará talvez mais em condições de respeitar seus compromissos militantes. É preciso acabar com a vida privada. Um grupo analítico, uma unidade de subversão desejante não tem mais vida privada [...] uma nova forma de subjetividade que não mais repouse sobre o indivíduo e a família conjugal” (GUATTARÍ, 1981, p.16-17). Este grupo unido pelo desejo do qual fala Guattari é o bando de Hakin Bey, o qual é agrupado por afinidades, ambos conceitos em oposição ao dispositivo familiar.

se espalha, transborda, vem antes e vem depois, de dentro e de fora simultaneamente. O neocolonialismo operacionalizado na relação Brasil x Amazônia está na cara, embora turvo, neblinado por uma retórica burocratizada que se move nos diversos dispositivos do aparelho de estado, FUNAI, IBAMA, Secretaria da Casa Civil, Ministério de Minas e Energia, a bancada ruralista, as empresas de mineração, as licenças, os estudos de impacto ambiental, as normas, as leis, a constituição, as suspensões de segurança que servem para anulá-la, a polícia militar do estado, a força nacional, o pt, o psdb, o pmdb, toda a frágil e engessada esquerda eclipsada na dialética marxista, a vale, a china, os estados unidos, a América.

“A conquista original, de que se cumprem 500 anos de consumação, foi um empreendimento hercúleo que a ferro e fogo, abriu as portas da modernização” (OLIVEIRA, 2009, p.83)

Como já se sabe, “não existe civilização ocidental antes de 1500, não existe modernidade sem América”⁶⁷e cá estamos nós, ou melhor, lá estávamos nós de novo pensando tudo isso, com algumas diferenças. Se no processo de mapeamento do Mapazônia estávamos num cubículo, nos altos da metrópole, vendo as mangueiras da cidade de cima, dessa vez estávamos na Mun-

67 - Walter Miglolo em fala no Evento Académico para Sentir-Pensar-Hacer, realizado en noviembre de 2010 en la Facultad de Artes ASAB, de la Universidad Distrital Francisco José de Caldas. Bogotá. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mqtqtRj5vDA>, acesso em 28 de novembro de 2014.

durukânia⁶⁸, atravessando a transamazônica rumo a Jacareacanga, reduto guerrilheiro nos tempos da ditadura, última cidade a margem da rodovia no estado do Pará, a 1700km da Capital, a três dias de viagem. Mais uma vez, *o bando em afinidade-afetividade, se lança num processo de busca, caça e coleta*. Se pensar, pensar o outro, mais uma vez estávamos nós *aprendendo juntos com a experiência, na troca com o outro, com o igual e com o diferente, como no acampamento e nos ocupas*, mais uma vez os circuitos fechados eram quebrados na relação com o garimpeiro, com a senhora de Rondônia que vendia seu guaraná da amazônia com maracujá, com os indígenas do Ipereg Ayu⁶⁹, Josias, Leuza, Ademir, Adailton, Sandro, seu Lamberto. *Processo de itinerância x reprodução do discurso massificado*. Itinerar para sentir cada nova etapa e surfar cada dobra. *Prática pedagógica de campo, ensino-aprendizagem in loco, sobre colonialidade x resistência* a partir de um olhar amazônida - indígena-ancestral~amazoniano-urbano - em processo de insurgência. Volto a perguntar. Pode um processo de caça coletivo ser considerado prática pedagógica? Pode a dimensão de aprendizagem e de ensino que perpassa uma peregrinação, e todas as possibilidades de trocas multilaterais consequentes serem foco de uma teoria de educação? Pode uma teoria da educação, ou um tipo de prática pedagógica ser fundada sobre

68 - Nome ancestral que o povo Munduruku atribui ao seu território, esse que na cosmologia Munduruku vai muito além dos limites homologados pelo estado Brasileiro, se estendendo, da história do povo ao território, se espalhando pela amazônia, chegando inclusive segundo relatos as localidades próximas da hoje capital Belém

69 - Movimento Munduruku que faz resistência aos projetos hidrelétricos na região principalmente do Alto e Médio Tapajós

bases tão pouco sistemáticas? Ora, estamos aqui no *campo da pedagogia do oprimido freiriana*, de fundar a pedagogia libertária *com* o oprimido, e não para ele, só que diferentemente de Freire não nos colocamos no *fora*, ao contrário, no primeiro encontro com os munduka, na primeira possibilidade de fala assumimos a seguinte posição pública, "entendemos que a mesma máquina que oprime vocês aqui nos oprime na cidade, por isso entendemos que enfrentamos o mesmo (complexo) inimigo, e temos um mesmo desejo: descolonizar a amazônia", criamos dessa forma na nossa subjetividade e na relação com o coletivo, com o outro até então diferente, o *entre-lugar* no qual poderíamos nos *tocar e trocar*, mundurukus e pariuat⁷⁰, antes dos acontecimentos que nos trouxeram até aqui, antes do aprendizado fruto dessas experiências todas, dificilmente teríamos conseguido operar esse pensamento, construir esse espaço de conexão entre um pensamento urbano crítico descolonizante em relação a amazônia, ao mesmo tempo academicista e marginal, e um pensamento ancestral, sob outras bases cosmológicas, de caráter não-positivistas, portanto não-cientificista, anti-evolucionista, abre por si só uma dobra, uma rachadura na *história ocidentalizante linearizada*, que por si mesma, na sua própria existência, tem a *potência de questionar a hegemonia das "verdades" do conhecimento científico moderno*. A *instauração do entre-lugar entre os agentes em troca pode assim ser considerado uma etapa metodológica*, parte de uma didática que se pretende

70 - Palavra em munduruku que designa o não-índio, homem branco, e/ou cidadão.

verdadeiramente com o [nós-]outros, na medida em que busca achar o ponto de contato eu-eles[-nós]. Funda *um território de troca*. O *entre-lugar* - como fenômeno fronteiriço no qual as diferenças se articulam na formação de um discurso, de um processo identitário⁷¹ - *é condição fundamental a existência de práticas pedagógicas em espaços-tempos insurgentes, trata-se do próprio vínculo afetivo-ideológico alcançado na diferença que torna possível a comunhão dos seres em processos de ensino-aprendizagem mutualísticos, confluentes, horizontalizados, ou em processos outros que acabem por configurar, permitir ou favorecer a livre troca de conhecimentos, técnicas, informações e habilidades*. Isso foi o começo de um processo que não teve fim, diferentemente do Mapazonia, e diferentemente também do que imaginávamos, instaurou-se um processo cartográfico de resistência continuado, fruto dentre outras coisas da própria relação do Amazônia em Chamas com algumas das resistências em andamento na região frente aos projetos de desenvolvimento em processo de imposição: barragens em construção e seus processos ilícitos de licitações, leilões e pesquisas; exploração e saque das riquezas minerais da região por multinacionais privadas; das lutas por passe livre nas cidades, nos fortalecimentos de redes artivistas. A cartografia IPI Ibuixi Ikukap, ou Território Munduruku (em português) ou MDK X UHE's (como no subtítulo que ficou na saída do mapa em processo) é pois processo permanente, objeto de uma relação que até então segue,

71 - Para ler O Local da Cultura, de Homi Bhabha. Editora UFMG, 2013.

justamente porque a resistência munduruku contra as barragens não findou, tampouco não chegou ao fim as violências e os terrorismos de estado na defesa dos interesses dos monopólios financiadores das campanhas eleitorais. O Amazônia em Chamas continua divulgando criticamente as informações de guerra, ora em vias jornalísticas, ora em discursos poéticos, interventivos. Por todos estes motivos, esta cartografia, diferentemente do Mapazônia que se circunscrevia num projeto maior, semi-institucionalizado - o bastante para existirem prazos para a construção de uma materialidade - esta segunda cartografia operada na relação LabCart, Amazônia em Chamas e Ipereg Ayu, não possui um final, apenas versões que vão sendo atualizadas. Resta agora falar do meio.

Uma vez em contato com os munduruku mostramos alguns trabalhos já realizados por nós, ou por parceiros conhecidos, como os Iconoclassistas da Argentina⁷², o coletivo colombiano Antena Mutante⁷³, para pô-los em contato com a perspectiva da *cartografia como contra-comunicação*, e como *processo de reconhecimento de si e do seu lugar na matriz colonial de poder*. A partir daí, fomos tecendo a troca de ideias de maneira livre, aprendendo mais que ensinando, ouvindo mais que falando, construindo juntos um trabalho de mapeamento crítico, um trabalho de arte-política. Todo o ensino e aprendizado passou por aí, por uma construção coletiva que para existir pressupunha a troca de conhecimentos e ferramentas entre as partes, a normatividade cientificista urbana incutida

72 - Para ver <http://www.iconoclasistas.net/>

73 - Para ver <http://www.antenamutante.net/>

nas nossas cabeças ajudava na sistematização dos fatos, a cosmogônia sobre outras bases dos Munduruku forneciam os fundamentos epistemológicos para a contestação do modelo desenvolvimentista moderno. Na ida e vinda do *diálogo* fomos nos *construindo* e *desconstruindo*, enquanto formulávamos e reformulávamos um discurso possível de denúncia do colonialismo ainda em curso e em processo de intensificação, uma *fala a favor de uma descolonização do território*, da auto-determinação dos povos da região na região e sobre ela. A situação era rara e cara para nós, e a cartografia que estávamos propondo não era necessariamente a prioridade,

“mais de 400 indígenas de 62 aldeias da etnia (...tiveram...) a oportunidade de se encontrar para debater {trocar experiências e relatos} a respeito dos impactos iminentes do projeto federal que prevê a construção de barragens na região em que habitam”⁷⁴

Estávamos pois propondo uma construção cartográfica em um momento de insurgência, deixo Josias falar agora “iremos nos fortalecer para lutar pela nossa identidade e modo de vida. Organizados somos fortes”⁷⁵, imergimos no processo interno do Movimento Ipereg Ayu, e dessa interação emerge o mapeamento, não só portanto dos momentos dedicados exclusiva-

74 - Luiza Cabral em 2ª Reunião do Movimento Ipereg Ayu: mais um passo na resistência Munduruku, publicada no Amazônia em Chamas, disponível em <http://amazoniaemchamas.noblogs.org/post/2013/11/>, acesso em 30.11.2014

75 - idem

mente a sua construção, mas a cada momento, a cada fala que quando soltas numa conversa informal, no café ou no almoço, tocavam nossos corpos, abrindo nossas mentes. *Em cada processo de caça e busca, de crítica e clínica, que o bando por desejo coletivo investe, é o próprio bando nas individualidades que o constitui que vai se descolonizando na medida mesma em que se lança no objetivo de construir um futuro descolonizado, do território livre, do corpo livre, eis portanto a via de mão dupla por onde o fluxo não linear do ensino-aprendizagem em outras bases opera,* o processo dos Mundurucus era uma aula de respeito ao outro, de respeito a fala do outro, de horizontalidade nas reuniões, de paciência, de espera, de longa conversação a cerca de cada nó a ser desatado no fortalecimento da luta, um soco no estômago pra nós, ansiosos e afobados seres programados da cidade, adaptados a internet, a falar mais que a ouvir. Nos espaços-tempos dedicados a cartografia, *íamos compilando ideias, anotando datas, colhendo relatos, mostrando e descobrindo ícones, mostrando e pensando como trabalhar iconografia,* e íamos nesse processo, aprendendo e apreendendo um outro modo de vida em operação a muitos anos, que sem duvida não carrega a pureza que alguns idealistas poderiam desejar, mas carrega a diferença que basta para a convergência insurgente, para a identificação mutua das subjetividades *em busca de um não-paradigma que possa fazer frente ao hegemônico,* não visando sua substituição, mas a destruição desse modelo de via de

mão única para uma *pluri-convivência em oposição a coní-convivência* imperial do Brasil - e do capital/mundo - com a Amazônia, uma multiculturalidade que exista menos no conflito e na tensão que no respeito e aceitação da diferença. *Troca de ideias > Troca das ideias*. Os Munduruku que ficaram mais próximos no processo cartográfico foram Sandro e Ozimar, ambos professores na escola Munduruku Ibaurebau, ambos já tinham contato com técnicas de mapeamento, porém mais numa perspectiva de *reconhecimento do território* - demarcação de riquezas e limites, segurança e proteção - que de *construção de narrativas críticas*, Sandro é professor de arte, alguns dos ícones utilizados no mapa foram sugestões e esboços dele. A sintonia era surpreendente, e a troca efetiva. Algumas correções nos dados oficiais eram também por eles sugeridas, outras eram por nós citadas. As trocas não paravam. Os registros audiovisuais de entrevistas com os guerreiros, com as mulheres guerreiras, com alguns caciques, professores, funcionários da FUNAI, pesquisadores, também foram importantes para um contato mais estreito com o entendimento da luta, de resistência daquele povo, dessa espécie de inconsciente coletivo, por vezes consciente, que só a longa conversa pode trazer a tona. Esses vídeos, que se inscreviam mais numa perspectiva de cobertura e divulgação da reunião, da luta, e da resistência,

Hugo do Nascimento, 2014

